



Vanessa Moura e Silva

Émilie du Châtelet
Filósofa e Cientista do Iluminismo
na França do Século XVIII

Trabalho de Monografia

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção de Bacharelado em
Graduação de História Social da Cultura do Departamento de História
do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Professor Orientador: Profa. Dra. Larissa Costard Soares

Rio de Janeiro
Junho de 2018

Dedicatória

Aos meus familiares que, sempre me apoiaram para que eu completasse mais essa etapa da minha vida.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente, ao meu marido por sempre ter me apoiado e incentivado a perseverar nos estudos, não medindo esforços para que eu concluísse cada projeto que iniciei ao longo dos vinte e cinco anos em que estamos casados.

Agradeço aos meus pais por terem me guiado sempre com muito carinho e dedicação, me mostrando o caminho do bem e da verdade, além de sempre confiarem no meu discernimento.

Agradeço à Deus por ter me permitido ser mãe de três criaturas amoráveis que me estimulam e me fazem desejar ser cada dia uma pessoa melhor, mais feliz e realizada, por terem me apoiado e encorajado toda vez que as dificuldades pareciam me tolher a vontade.

Gostaria também, de agradecer aos professores que tive ao longo dessa graduação e que me permitiram ampliar a visão e o entendimento para os feitos humanos, me fazendo refletir o quão diverso e complexo é a natureza humana e como suas ações moldaram e continuam moldando o mundo em que vivemos hoje.

Por fim, gostaria de deixar minha gratidão à minha orientadora, Larissa Costard, por ter me acompanhado e permitido que eu a escolhesse para ser meu guia nessa viagem ao século XVIII.

Resumo

Esta presente pesquisa, Émilie Du Châtelet Filósofa e Cientista do Iluminismo na França do Século XVIII, tem por objetivo apontar a contribuição intelectual e científica desta mulher letrada da alta aristocracia francesa, de modo a poder situá-la como produtora e propagadora do conhecimento. Esperamos dessa forma, poder identificar sua relevância histórica dentro do Iluminismo francês na primeira metade do século XVIII, como integrante da rede de comunicação letrada, a República das Letras, além de ser reconhecida cientista. Sendo assim, nossa intenção será apresentar as obras produzidas por ela, demonstrando o impacto de seus trabalhos na comunidade científica da época e o reconhecimento que veio a ter por meio destas. Ao mesmo tempo, será nossa intenção, discutir as prováveis razões que a levaram a ser esquecida pela historiografia, abordando tendências de classificação de gênero à ditar as normas de relevância histórica. Desta maneira, desejamos colocar em evidência a mulher filósofa e cientista, do início da Era Moderna, e situá-la como agente e filósofa do Iluminismo.

Palavras-Chave

Iluminismo, França, Século XVIII, Émilie Du Châtelet, Ciência, Filosofia, Mulher

Abstract

This research, *Émilie Du Châtelet Philosopher and Scientist of the Enlightenment in France in the XVIIIth Century*, aims to point out the intellectual and scientific contribution of this woman belonging to the elite French aristocracy, in order to situate her as a producer and promoter of knowledge. In this way, we hope to be able to identify its historical relevance within the French Enlightenment in the first half of the XVIIIth century, as a member of a network of literate communication, known as the Republic of Letters, as well as for being a recognized scientist in her own right. Thus, our intention will be to present the works produced by her, demonstrating the impact of her work on the scientific community of the time, and the recognition she came to have through them. As so, it will be our intention to discuss the probable reasons that led her to be left aside in history, addressing tendencies of gender classification, dictating the norms of historical relevance. In this way, we wish to point out, the woman philosopher and scientist from the beginning of the Modern Era, and situate her as agent and philosopher of the Enlightenment.

Keywords

Enlightenment, France, XVIIIth Century, Émilie du Châtelet, Science, Philosophy, Woman

Sumário

Epígrafe	7
Introdução	8
Capítulo 1 - Vida e Obra	
1.1 Panorama e Obra	17
1.2 Do Dever à Ambição Intelectual	23
1.3 Consagração Intelectual	25
Capítulo 2 - Frutos da Ambição	
2.1 Em Meio ao Universo Letrado	35
2.2 Críticas à Ambição	41
2.3 Caminho de Ascensão	44
Capítulo 3 - Sobre o Silenciamento Histórico	
3.1 Consagração	49
3.2 Des-historização	53
3.3 Quebrando Paradigmas	56
3.4 A Reviravolta	62
Conclusão	66
Anexo	72
Bibliografia	84

Epígrafe

“Nem sempre saboreamos o vago desejo de falarem de nós quando já não estivermos aqui; mas ele sempre permanece no fundo de nosso coração. A filosofia gostaria de revelar sua vanidade; mas prevalece o sentimento, e esse prazer não é uma ilusão; pois comprova-nos o bem real de fruir de nossa reputação futura; se o presente fosse nosso único bem, nossos prazeres seriam bem mais limitados do que são. Somos felizes no momento presente não somente por nossos prazeres atuais, mas também por nossas esperanças, por nossas reminiscências. O presente é enriquecido pelo passado e pelo futuro; decidamos por qual caminho desejamos enveredar para passar nossa vida, e tratemos de semeá-los com flores.” Émilie Du Châtelet

Introdução

Esta pesquisa visa analisar a vida e legado de uma mulher da aristocracia francesa do século XVIII, que tendo participado ativamente na produção intelectual de sua época, veio a ser posteriormente esquecida pela historiografia até a primeira metade do século XX. Gabrielle-Émilie Breteuil Du Châtelet (1706-1749), a Marquesa Du Châtelet, foi uma mulher incomum. Sua vida fazia parte do que costuma-se chamar, de uma sociedade privilegiada. Seu pai, Louis-Nicolas le Tonnelier de Breteuil, Barão de Breteuil, ocupava em 1677, a posição de Leitor do Rei¹ vindo em seguida a preencher a posição de Mestre de Protocolo² para embaixadores na corte de Louis XIV, convivendo dessa forma, do círculo mais íntimo do rei.

Enquanto jovem, Émilie pode contar com uma educação fora do comum, devido em grande parte pelo estímulo do pai liberal e já de idade avançada, pois que tinha 58 anos quando Émilie havia nascido. Percebia a inteligência invulgar da filha, da qual esta se beneficiava ao poder conviver entre as personalidades mais ilustres da corte de Versailles, como por exemplo, com o poeta e membro da academia francesa, Bernard Fontenelle e mesmo, com o emblemático, Voltaire³, que viria no futuro reencontrá-la já na condição de Marquesa.

A facilidade e o pendor em aprender, permitiram que Émilie Du Châtelet, dominasse várias línguas, inclusive o latim, a matemática e a metafísica. Ao escrever sobre a Marquesa em *Éloge Historique de la Marquise Du Châtelet*, Voltaire relembra sua infância:

“Desde sua tenra juventude ela alimentara seu espírito com a leitura de bons autores em mais de uma língua. Tinha começado uma

¹ HAMMEL, Frank. *An Eighteenth Century Marquise - A Study of Émilie Du Châtelet and Her Times*, (1911). NY: Cornell University Press, 2016. Pag. 14. *In 1677, Louis-Nicolas obtained the post of Reader to the King. Two years after his second marriage he was appointed Introducer of Ambassadors at the French Court, ...his main duties were to conduct to the king and queen, and all princesses of the blood, the kings, sovereign princesses and all dignitaries coming from foreign countries.* Tradução livre.

² EHRMAN, Esther. *Mme Du Châtelet: Scientist, Philosopher and Feminist of the Enlightenment. Leamington Spa: Berg: 1986. Pag.17.* “...position of Master of Protocol for Ambassadors at Court” (1697). Tradução livre. Quanto à data em que Louis-Nicolas passou a ocupar o posto de Mestre de protocolo, há divergências entre os autores Hammel e Ehrman. Sabe-se que o posto ficou vago depois da morte de Bonneuil, entre 1699 e 1701.

³ Ao relatar o falecimento da Marquesa Du Châtelet, em 1749, Voltaire escreveria à Dumas d'Aigueberre, “Eu a vi nascer. Foi você quem nos reaproximou, dezesseis anos atrás.” (Hammel, 2016, pag.42). Essa declaração deixa claro que Voltaire já teria conhecido Émilie Du Châtelet durante sua infância, ao frequentar as reuniões do Salão do Barão de Breteuil, pai da Marquesa. Tradução livre.

tradução da Eneida, da qual vi muitos trechos completos. Aprendeu italiano e inglês. Tasso e Milton lhe eram familiares como Virgílio. Seu pai lhe havia feito aprender o latim, que ela dominava como Madame de Dacier. Ela sabia de cor os mais belos trechos de Horácio, de Virgílio e Lucrécio; todas as obras de Cícero lhe eram familiares.”⁴

Através de uma educação fora do comum, e do qual permitiu alimentar sua sede pelo saber em diversas áreas do conhecimento, tais como, a matemática, a ciência, a literatura e a filosofia, além de ser fluente em várias línguas; possibilitaram à Marquesa Du Châtelet construir um pensamento próprio, participando de forma autônoma em diversos debates na França setecentista.

Ao se casar, em Junho de 1725, com o Marquês Florent-Claude Du Châtelet-Lomont, coronel do exército do rei Louis XV e pertencente a uma das linhagens mais antigas e prestigiadas da França, datando da época das primeiras cruzadas no século XII empreendidas à “terra santa”⁵, a Marquesa garantia assim, posição de privilégio e prestígio na sociedade de corte. Tendo cumprido o papel esperado num casamento contratual e fortalecendo as linhagens sanguíneas, a união gerou três filhos com o Marquês, garantindo-lhe a necessária sucessão hereditária. Na análise da historiadora Judith Zinsser, a autora aponta para a questão prática da vida da Marquesa, indicando que uma vez tendo achado que realizara sua função, decidiu em comum acordo com o Marquês, manter as aparências matrimoniais esperadas em sociedade, e como era hábito entre os casamentos arranjados entre a aristocracia da época, passando a viverem vidas independentes⁶. Mesmo vivendo vidas separadas, o casal jamais deixou de manter a amizade recíproca⁷ ou a cumplicidade nos assuntos familiares e de Estado, comparecendo juntos sempre que a situação social demandava. A Marquesa inclusive, receberia o apoio do Marquês Florent-Claude, tanto nas investidas científicas a que se proporia nos anos seguintes, como ao interceder à favor dos mandados de prisão endereçados à seu companheiro Voltaire.

⁴ VOLTAIRE. *Éloge Historique de la Marquise Du Châtelet*, 1752. Introdução à tradução de Newton por Madame Du Châtelet, 1759. (BADINTER, 2003. P.66)

⁵ ZINSSER, Judith. *Émilie Du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006. P. 32

⁶Idem, P. 35

⁷ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003 p.105.

Sem deixar seus livros e estudos particulares de lado, a Marquesa partiu de Semur⁸, na Borgonha, onde passou a residir depois do seu casamento e mudou-se para Paris, passando a viver os prazeres destinados à classe ao qual pertencia. Frequentava salões, bailes, ia à ópera e ao teatro, mas não podia frequentar lugares em que a etiqueta a impedia de ingressar, como é o caso da Academia de Ciências, onde só era possível o ingresso masculino. Nos trabalhos que viria a escrever, colocaria em evidência sua frustração ao ser excluída do mundo do saber por conta da sua condição feminina. Mas sua determinação e coragem em transpor os desafios que a sociedade lhe impunham, não a desencorajariam facilmente.

É possível dizer que, a gestação desta pesquisa partiu do meu interesse sobre o Iluminismo, como um período de conhecimento crítico e racional para superar os preconceitos e superstições herdadas da tradição impostas desde a Idade Média. No primeiro momento, passei a investigar o período de seu apogeu no século XVIII na França, tendo dentre os seus principais filósofos, Voltaire, como um dos nomes mais influentes do século, sendo ícone da liberdade civil, religiosa, comercial e da imprensa, além de defensor da tolerância religiosa e das novas ciências. Foi quando então, me deparei pela primeira vez com uma personagem vulgarmente conhecida, mais como a “amante” do filósofo, do que com qualquer outra qualificação que pudesse ser-lhe atribuída.

Motivada pela curiosidade, passei a ler algumas obras publicadas⁹ referentes à Marquesa Du Châtelet, vindo a descobrir que havia muito mais sobre esta personagem do que simplesmente ser companheira do filósofo. Percebi que na verdade sua inteligência e conhecimentos superavam os de Voltaire¹⁰ e de outros cientistas e

⁸ EHRMAN, Esther. *Mme Du Châtelet: Scientist, Philosopher and Feminist of the Enlightenment. Leamington Spa: Berg, 1986. Pag.18-19.* O Marquês de Châtelet governava Semur-en-Auxois, na Borgonha, mas permanecia a maior parte do tempo à serviço do exército do rei Louis XV em diferentes campanhas para a coroa. A administração das terras e propriedades eram geridas pela Marquesa Du Châtelet.

⁹ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas.* Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. e ZINSSER, Judith. *La Dame d'Esprit: A Biography of the Marquise Du Châtelet.* New York: Viking, 2006.

BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

¹⁰ BADINTER, 2003. Pag.240. Introdução, *Elementos da Filosofia de Newton.* Voltaire compõe uma epístola dedicada à Marquesa: “Chamaste-me para ti, vasto e possante gênio; Minerva da França, imortal Émilie; Desperto com tua voz, caminho com tua claridade; Sobre os passos da virtude e da verdade.” Pag.263. Em carta endereçada à Cideville em Dezembro de 1737: “Eu tinha traçado os princípios bastante fáceis da filosofia de Newton; Madame Du Châtelet tinha sua parte na obra;

matemáticos da época. Continuei explorando sua vida e obra, vindo a descobrir que a marquesa teve influência determinante para a divulgação do conhecimento científico e filosófico¹¹, o que me levou a questionar o silêncio acadêmico e historiográfico de seu nome e legado. Passei a indagar no porquê, dessa mulher não ser conhecida por seus méritos intelectuais?

Em seguida, procurei por diferentes autores, que na segunda metade do século XX haviam publicado sobre Émilie Du Châtelet. No ano 1906, o historiador Ira O. Wade¹², descobriu ao acaso suas obras, manuscritos e cartas dentre os arquivos das obras de Voltaire, contidos na Biblioteca Nacional de São Petersburgo. Ainda que Ira O. Wade viesse a escrever sobre Du Châtelet, é evidente a tendência machista utilizada pelo autor ao descrever a Marquesa. Somente após a segunda metade do século XX, começaram a surgir obras de historiadores do Iluminismo francês, que efetivamente procuraram resgatar a relevância que essa mulher “prodígio”¹³ significou entre seus contemporâneos e que merecidamente deveria constar como referência de uma época de esclarecimento à luz da razão.

Considerando, que este trabalho possa vir a contribuir para a melhor compreensão dos integrantes do Iluminismo na primeira metade do Setecentos, tendo a inclusão da figura feminina como participante significativa na divulgação do conhecimento da época, buscaremos apontar a pertinência da produção intelectual da Marquesa. Como também, pretendemos com esta pesquisa, chamar a atenção para a evidente exclusão de gênero no campo da historiografia Iluminista da primeira metade do século XVIII.

Socialmente esta pesquisa é pertinente, por que aborda um tema que tem ganho cada vez mais espaço na sociedade, no sentido de conscientizar a necessidade de inserção da mulher como protagonista e propagadora do conhecimento esclarecido,

Minerva ditava e eu escrevia. Madame Du Châtelet é, em tudo isso, meu guia e meu oráculo.”; também abordado em: VOLTAIRE. “Éloge Historique de la Marquise du Châtelet”. In: *Oeuvre Complètes de Voltaire*. Paris: Garnier, 1752. Tome 23, P. 515-522

¹¹BESTERMAN, Theodore. *Les Lettres de la Marquise Du Châtelet*. 2 Vols. Geneva: Institut et Musée Voltaire, 1958. Esta coleção inclui inúmeras correspondências e manuscritos da Marquesa endereçadas à diferentes personalidades do mundo acadêmico, da nobreza e da elite letrada europeia entre os anos 1733 à 1749; e POTOCHNIK, Janez (Org.). Madame du Châtelet Illuminator of the Enlightenment. In: *Women In Science*. Belgium European Communities, 2009.

¹² WADE, Ira.O. *Studies on Voltaire, with Some Unpublished Papers of Mme Du Châtelet*. Princeton: Princeton University Press, 1947. O historiador Ira Wade, descobriu entre os livros pertencentes à biblioteca de Voltaire, ao qual havia sido vendido para Catarina a Grande após seu falecimento, manuscritos pertencentes à Marquesa Du Châtelet. A coleção se encontra na Biblioteca Nacional de São Petersburgo, somando um total de sete mil volumes.

¹³ ZINSSER, Judith. *Émilie du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2007.

trazendo-a das sombras impostas pelo autoritarismo de gênero legado pela história. Deste modo, temos como expectativa, estimular o interesse acadêmico e quem sabe, a inserção de seu nome dentre os letrados do Iluminismo francês.

Objetivando, portanto, apontar a relevância da Marquesa Du Châtelet para a divulgação do conhecimento científico e filosófico na primeira metade do século XVIII, destacaremos sua participação na “República das Letras”¹⁴ como integrante de um grupo seleto de pessoas que se comunicavam através de uma rede complexa de correspondências com o propósito de erudição¹⁵. Em seguida, problematizaremos os motivos de sua ausência historiográfica nas áreas da história da ciência e filosofia à época do Iluminismo, com intuito de trazer conscientização acadêmica ao seu legado histórico.

Apontar as conquistas intelectuais da Marquesa Du Châtelet permitirá podermos exemplificar os desafios enfrentados na sua trajetória, ao se confrontar com as tradições e expectativas de uma época contrária à emancipação da mulher. Procuraremos então, identificar sua participação na corrente letrada, mostrando seu reconhecimento por parte da comunidade Ilustrada pertencente à chamada República das Letras, assim como, apresentar sua participação na divulgação do conhecimento das Luzes.

Tais evidências, diante de sua cooperação para a construção e divulgação da erudição, serão pertinentes para revelá-la como mais um membro dentre os *philosophes* Iluministas franceses do século XVIII. A partir da presente pesquisa, poderemos esboçar algumas inferências quanto ao silenciamento imposto à marquesa depois da morte de seu maior divulgador, Voltaire, em 1778. A primeira delas diz respeito ao contexto histórico e cultural imposto à mulher como um ser impossibilitado pelos deveres familiares de exercer funções extra domiciliares, como também, pelo entendimento de sua aparente incapacidade intelectual em aprender ou mesmo produzir saberes que estariam na esfera intelectual masculina¹⁶. Além disso, o desprezo que recebeu por parte de seus pares de classe e nobreza, que não faziam parte do universo intelectual, ao não ter se configurado dentro dos parâmetros esperados pela mulher aristocrata da época, também podem ser agravantes para seu

¹⁴ Será explicado no capítulo 2.

¹⁵ MIERT, Dirk Van. *What was the Republic of Letters? A brief introduction to a long history (1417-2008)*. Pp.269-286. Briefgeschiedenis. Groniek Historisch Tijdschrift Utrecht University, 2016. Disponível em: [www.http://rjh.ub.rug.nl/groniek/article/viewFile/27601/25014](http://rjh.ub.rug.nl/groniek/article/viewFile/27601/25014). Acesso em: 25 Out. 2017.

¹⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 4a edição, 2014.

olvidamento. Mme du Deffand faz um relato em uma de suas cartas e deixa entrever o tom de desprezo ao caracterizar a Marquesa:

“Ela nasceu com intelecto suficiente, e o desejo de aparecer como se ela tivesse feito muita coisa, fez com que ela preferisse estudar as ciências mais abstratas do que os ramos mais gerais e agradáveis do conhecimento.”¹⁷

Mais importante que fazer uma crítica à Marquesa, é também, saber reconhecer seu valor. E isso, Mme du Deffand soube reconhecer quando leu o ensaio enviado pela Marquesa de forma anônima à Academia de Ciências, em 1737:

“É verdade que quando as mulheres se misturam com a escrita, elas superam os homens. Que diferença prodigiosa! Mas quantos séculos são necessários para produzir uma mulher como ela?”¹⁸

Ao buscar identificar a hierarquização de gênero na produção historiográfica referente ao Iluminismo do século XVIII e suas ramificações, como, as ciências naturais, poderemos localizar as razões que mantiveram a marquesa Du Châtelet à margem da história. As fontes primárias que irão formar o vetor para a seguinte pesquisa, serão as principais obras da Marquesa Du Châtelet, produzidas entre os anos 1736 a 1749, demonstrando a partir desse material, produção intelectual incomum para uma mulher de sua época. Tais documentos produzidos, como, *Dissertation sur la Nature et la Propagation du Feu* (1739), *Institutions de Physiques* (1738-1740), *Examen de la Genèse* (1741), *Principes Mathématiques de la Philosophie Naturelle par M. Newton, Traduits en Français par Mme la Marquise du Chastellet, avec un Commentaire sur les Propositions qui ont Rapport au Système du Monde* (1749) e *Discurso Sobre a Felicidade* (1746-1747), encontram-se compilados nos livros que nos auxiliarão a compor o panorama intelectual da marquesa, dentre os quais,

¹⁷ HAMMEL, Frank. *An Eighteenth Century Marquise - A Study of Émilie Du Châtelet and Her Times*, (1911). NY: Cornell University Press, 2016. Pag.123. “She was born with sufficient intellect, and the desire to appear as though she had a great deal, made her prefer to study the most abstract sciences than more general and pleasant branches of knowledge.” Tradução livre.

¹⁸ Idem. Pag.161. “It is true, that when women mix themselves up with writting they surpass men. What a prodigious difference! But how many centuries does it take to produce a woaman like her?” Tradução livre.

Selected Philosophical And Scientific Writings, organizado por Judith Zinsser¹⁹, *Studies on Voltaire with Some Unpublished Papers of Madame Du Châtelet*, organizado por Ira O. Wade²⁰, além de também se encontrarem digitalizados e acessíveis nos portais da Bibliothèque Nationale de France, Gallica²¹ e HathiTrust Digital Library²².

As fontes serão relevantes para servirem de apoio nas análises de autores contemporâneos integrantes da “República das Letras”, ao discutirem a produção literária da Marquesa considerada à época, como uma igual dentre seus pares²³. Por sua vez as correspondências trocadas entre a Marquesa Du Châtelet e os diversos integrantes da elite intelectual europeia, nos ajudarão a situa-la na produção erudita da época. Tendo atuado como uma prolífica correspondente na “República das Letras” trocando cartas com os mais influentes pensadores da época, incluindo cientistas naturais, filósofos, literatos e reis, como é o caso de suas correspondências com Frederico II da Prússia, inserem-na num seletto nicho intelectual de reciprocidade erudita. Numa carta escrita pelo rei da Prússia, este escreve à Marquesa: “Você é capaz Madame, de despertar o gosto para as ciências abstratas...”²⁴. Por sua vez, esse material nos permitirá além de identificar pontualmente a produção intelectual da Marquesa como também, investigar as razões que levaram à sua omissão historiográfica. Além disso, vale salientar que tais documentos possivelmente nos permitirão verificar nossa hipótese junto à inserção da Marquesa no campo intelectual do Iluminismo e na consagrada lista canônica de *savants* do século XVIII.

“Nunca deixemos de cultivar o gosto pelo estudo, que faz nossa felicidade depender apenas de nós mesmos.”²⁵ Nessas palavras, proferidas pela Marquesa, é possível perceber sua defesa pelo estudo, mais que de um gosto particular, suas

¹⁹ CHATELET, Émilie du. *Selected Philosophical And Scientific Writings*. (Judith Zinsser Org.). Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

²⁰ WADE, Ira O. Examen de la Genèse. In: *Studies on Voltaire with Some Unpublished Papers of Madame Du Châtelet*. Princeton: Princeton University Press, 1947.

²¹Gallica: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56587q/f526.image>; último acesso em: 20/10/2017.

Gallica: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k64858651>; último acesso em: 20/10/2017. Gallica: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k399843>; último acesso em: 21/11/2017.

²² HathiTrust: publicação de *Institutions des Physiques* no *Journal des Savants* <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015062282127;view=1up;seq=387;size50>; Último acesso em: 21/11/2017.

²³ZINSSER, Judith. *Émilie Du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006.

²⁴ CHATELET, Émilie du. *Selected Philosophical And Scientific Writings*. (Judith Zinsser Org.). Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

²⁵ Idem.

palavras sugerem recomendação de independência pessoal, garantidas pela satisfação da conquista do saber.

Através da hierarquização de gênero na produção historiográfica referente ao Iluminismo do século XVIII e suas ramificações como as ciências naturais, poderemos localizar as razões que mantiveram a Marquesa Du Châtelet à margem da história. Certamente pode-se dizer que essa singular mulher do Século XVIII, viveu em intensa atividade filosófica e científica não comuns entre as mulheres de seu tempo. Vindo a participar do Concurso de Ciências da Academia de Paris (só permitido à homens), escrevendo dissertações sobre a física e a filosofia, e ainda publicando a primeira tradução comentada em francês da *Principia Mathematica* de Newton, a Marquesa de Châtelet se consagrou como uma das personalidades de magna importância no século XVIII e merece, a nosso ver, ser estudada e compreendida.

De acordo com a historiadora francesa, Elisabeth Badinter, na obra bibliográfica dedicada à Marquesa, a ambição pelo conhecimento era à essa época “privilégio de poucos e só permitido aos mais abastados”²⁶. Na visão desta autora, para as elites privilegiadas, a ambição pelo saber havia se tornado possível no século XVIII, mais do que nos séculos anteriores, quando a geração da riqueza possibilitou pensar nos prazeres sem o desprezo que até então estavam relegados (Badinter, 2003). Por tanto, a tendência em se buscar o prazer como realização consciente da vontade esclarecida, se tornariam novos temas da época. O estímulo para se viver os prazeres da vida, sejam eles morais ou físicos, passaram a estar associados ao uso da razão e da vontade. Nós abordaremos com maior profundidade essa análise racional voltada em busca da felicidade quando apresentarmos a obra que a Marquesa produziu como fruto de meditação e caráter autobiográfico, regido como um balanço de sua vida e confidências pessoais na obra filosófica, *Discurso Sobre a Felicidade*, dedicada às mulheres do seu tempo, em que preconiza que a felicidade para ser encontrada, era necessário que se buscasse viver de forma moderada todas as paixões.

A partir dessa breve ilustração, pretendo aprofundar minha análise ao pensamento de Émilie Du Châtelet, estabelecendo comparações e correlações de fundo filosófico, para em seguida aprofundar na importância do trabalho e legado deixado pela filósofa epicurista, cientista e consciente dos direitos da mulher ao

²⁶ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. p.17.

pensamento, à liberdade, à felicidade, num século predominado pelo pensamento masculino.

Desta maneira, a pesquisa que visamos empreender, pretende mostrar a importância da produção intelectual da Marquesa para a divulgação do conhecimento Iluminista do século XVIII. Iremos debater as prováveis razões que a levaram a ser “esquecida” ou mesmo, “silenciada” pela historiografia dominada pela hierarquização masculina no mundo acadêmico. Também, será nossa intenção fomentar a discussão visando posteriormente a inserção de mulheres filósofas e cientistas do início da Era Moderna e que, merecidamente fazem jus à inclusão de seus nomes na cátedra do ensino de História, Filosofia e Ciências.

Portanto, no intuito de contribuir para a conscientização da presença da mulher letrada, como autora de obras que ajudariam a moldar a cultura Iluminista e que por uma questão de gênero foram mantidas à margem da história, este trabalho ambicionará retirar das sombras essa mulher ilustrada para que através de suas próprias obras aqui reveladas, possa ocupar o lugar a que tem direito na memória acadêmica.

Capítulo 1

Vida e Obra

1.1. Panorama e Elucidação

Através dos salões intelectuais que passaram a se disseminar pelos altos círculos sociais na França do século XVIII, representando o auge da troca dos mais variados conhecimentos entre os intelectuais, as mulheres desempenharam papel fundamental para a divulgação das ideias do Iluminismo europeu, “institucionalizando o intercâmbio comunicativo”²⁷, não só por serem as principais anfitriãs desses encontros²⁸, mas como também, por contribuírem diretamente para a formação do saber da época. Nesse sentido, uma mulher em particular, merece destaque não apenas por ter “iluminado” o Iluminismo através de seus escritos, mas também pela contribuição para a disseminação da razão e da ciência. Tendo amplo conhecimento em matemática, física e filosofia²⁹, a Marquesa Émilie Du Châtelet (1706-1749), uma mulher *sui-generis* dentre as de sua classe e gênero, produziu obras nas áreas da ciência e filosofia, contribuindo significativamente para a divulgação do conhecimento científico e filosófico no Iluminismo francês na primeira metade do século XVIII.

O que nos chama a atenção e nos motiva a investigar a vida desta *savante*³⁰, é a omissão historiográfica de suas obras ao longo dos quase três séculos que seguiram ao seu nascimento e a ausência de seu nome dentre os cânones dos *philosophes* consagrados da época das Luzes. Ao mostrar a relevância da produção intelectual da Marquesa para a divulgação do conhecimento Iluminista do século XVIII e debater as prováveis razões que a levaram a ser “esquecida” pela historiografia dominada pela hierarquização masculina do mundo acadêmico, intentaremos fomentar o desejo para que haja novas pesquisas na área abordada. De modo que, a inserção de figuras

²⁷OUTRAM, Dorinda. *The Enlightenment* (3rd Ed). Cambridge: Cambridge University Press, 2013. P.60

²⁸ GAY, Peter. *The Enlightenment, An Interpretation: The Science of Freedom* (1969). Vol.2. New York: Norton Library, 1977. P.33. A relação do papel da mulher nos salões parisienses será trabalhada no capítulo 2.

²⁹ POTOCHNIK, Janez (Org.). *Madame du Châtelet Illuminator of the Enlightenment*. In: Women In Science. Belgium European Communities, 2009.

³⁰ *Savant* (m.)/*savante* (fem.) - Termo em francês largamente utilizado na escrita no século XVIII, significando intelectual, erudito, sábio, filósofo, pensador, uma pessoa instruída ou ainda, um cientista ilustre. Fonte: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/savant> ; Último acesso: 20/10/2017.

femininas como protagonistas do saber, permitam contribuir para uma visão mais equilibrada e justa incluindo *todos*, homens e mulheres, que merecem ser reconhecidos e lembrados pelas suas participações ativas no período das Luzes, fazendo jus a terem seus nomes incluídos nas cátedras de ensino das Histórias da Ciências e Filosofia.

Portanto, no intuito de contribuir para a conscientização da presença da mulher letrada, como autora de obras que ajudariam a moldar o mundo moderno e que por uma questão de gênero foram mantidas à margem da história, este trabalho ambiciona retirar das sombras essa mulher ilustrada para que através de suas próprias obras aqui reveladas, possa ocupar o lugar a que tem direito na memória acadêmica. Para tanto, faz-se necessário primeiramente, expor de forma breve, sem a pretensão de cobrir tão vasto debate, uma visão geral sobre o que representou e como vêm sendo abordados os mais recentes debates sobre o Iluminismo francês do século XVIII.

A bibliografia existente sobre o Iluminismo é vasta e tende a ser versada de acordo com as mais diversas óticas dependendo da época e do interesse de cada autor. Podendo ser considerada por seus admiradores como uma época da razão, da tolerância e da emancipação, como também por seus críticos como uma época elitista, repressiva e totalizante. Nas palavras de Eric Hobsbawm, seria constituída por indivíduos pertencentes à mesma família intelectual de “homens brancos mortos usando perucas para fornecer fundamento intelectual ao imperialismo ocidental”³¹. Ou a julgar ainda numa tendência mais atual, pela historiadora Jane Rendall, colocando as ideias iluministas sob um novo contexto mais amplo do entendimento da cultura e da sociedade. Desse modo, nos possibilitaria considerar uma gama maior de agentes no movimento intelectual das luzes do Setecentos³², ampliando a presença feminina no campo da produção intelectual iluminista.

Tendo em vista a historiografia clássica sobre o tema, autores como Peter Gay³³ e Franco Venturi³⁴, que nas décadas de 1960-70 trabalharam o Iluminismo com tendência generalizante, tanto como um movimento exemplar, retomando o preceito

³¹ HOBBSAWM, Eric. *Da História*, 1997. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015. P. 270

³² RENDALL, Jane. Women and the Enlightenment in Britain, 1690-1800. In: *Women and Gender History: Women's History - Britain, 1700-1850*. BARKER, Hannah. CHALUS, Elaine. (eds.). London: Routledge, 2005. P.9-32. Professora Honorária no Departamento de História da Universidade de York.

³³ GAY, Peter. *The Enlightenment: an interpretation; the rise of modern paganism*. New York: Vintage, 1966.

³⁴ VENTURI, Franco. *Utopia e Reforma no Iluminismo*. Tradução Modesto Florenzano. São Paulo: EDUSC, 2003.

do historiador inglês, Edward Gibbon, em sua análise crítica temperada pelo cinismo, de que o Iluminismo teria instituído “uma sociologia política de manipulação das massas”³⁵ provocando o declínio e a queda do Antigo Regime; ou ainda, pelas interpretações mais modernas de Ernst Cassirer³⁶ e Robert Darton³⁷ que tem no Iluminismo a ideia de uma proposta de filosofia da liberdade, dando ênfase ao uso da razão como um processo do progresso intelectual, onde a ciência moderna passa a ocupar o lugar das verdades eternas, não mais confinadas às “ideias inatas” anteriores a toda experiência, como propunha até então Platão e mesmo Descartes.

Sendo assim, mesmo que o tema abordado na presente pesquisa possa ter diversos posicionamentos, partirei do princípio que o Iluminismo representou um movimento cultural, filosófico e social respaldado no esclarecimento racional com viés científico, tanto para a filosofia quanto às ciências naturais. Com isso, assumo a posição análoga de Roy Porter, de enxergar o Iluminismo como uma época onde a elite intelectual da Europa se utilizou do conhecimento crítico e racional para promover a construção e propagação do conhecimento, utilizando recursos da experiência e da evidência para nortear a construção do saber³⁸. Assumindo, a premissa de que o uso da razão passaria a moldar a identidade europeia moderna³⁹, encontraremos diferentes narrativas e interpretações acerca dos personagens e feitos que marcaram o século XVIII imbuídos pelo sentimento da liberdade intelectual.

Como partida inicial para um debate acerca do recorte que pretendemos abordar, constatamos a variedade bibliográfica existente desde as sínteses gerais de Peter Gay, discursando uma visão moderna do Iluminismo, como uma época marcada pelo humanismo liberal, delineando, assim, as bases dos valores da sociedade através do uso sistemático da crítica como forma de alavancar a inteligência para o melhor entendimento da natureza humana; como também no trabalho de Roy Porter, que apresenta um debate crítico acerca da historiografia mais recente produzida sobre o Iluminismo, avaliando as diferentes teses produzidas nos últimos anos, conjecturando a possibilidade de certas convicções enrijecidas pelo tempo necessitarem reformulações. Apontando, ao mesmo tempo para a impossibilidade de cobrir numa

³⁵ GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano (1776)*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2012.

³⁶ CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: UNICAMP, 1997.

³⁷ DARTON, Robert. *O Iluminismo Como Negócio*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1996.

³⁸ PORTER, Roy. *The Enlightenment: Studies in European History*. 2ed. New York: Palgrave, 2001.p9

³⁹ GAY, Peter. The Enlightenment In Its World. In; *The Enlightenment: an interpretation; the rise of modern paganism*. New York: Vintage, 1966.

única obra, tão vasto domínio cultural produzido pela época das luzes e ainda que a intenção desta pesquisa não seja a de exaurir as definições e abrangências alcançadas pelo Iluminismo francês do século XVIII, usaremos os autores acima mencionados, como base para a compreensão de uma época que marcou os domínios do conhecimento humano na ciência, na filosofia e na literatura, moldando o contexto em que a Marquesa Du Châtelet veio a atuar.

Sendo uma época tradicionalmente marcada por pensadores que revolucionaram mudanças na maneira de pensar o mundo moderno, os nomes de Descartes, Locke e Hume delineiam os parâmetros para Montesquieu, Voltaire, Diderot, d'Alembert, Turgot, Condorcet, Gibbon, Rousseau, Holbach e Kant, que nas palavras de Peter Gay se constituem no “pequeno rebanho, ou família de *philosophes*”⁴⁰ do século XVIII. A lista de nomes dos pensadores consagrados se estende para além da Europa iluminada, abrangendo os territórios americanos nas figuras de Benjamin Franklin, Thomas Jefferson e George Hamilton, todos em nome da emancipação do homem através do conhecimento, educação e ciência no lugar das correntes da ignorância, superstições e dogmas de até então⁴¹.

Para tal vasta lista de personagens, Peter Gay escreve o livro intitulado “*The Party of Humanity*”⁴² no qual mesmo que reconheça a falta de uniformidade nos pensamentos dos iluministas⁴³, pois que estes divergiam em diferentes pontos de vista frequentemente⁴⁴, vê nesse público seletor uma unidade na história intelectual, e por conseguinte, concebidos, elaborados e modificados mediante específicas circunstâncias históricas. Na análise de Roy Porter⁴⁵, fica evidente a homogeneidade predominantemente masculina dentre os consagrados iluministas pela tendência da escrita historiográfica. Ainda que ressalte o eixo do conhecimento e sua propagação como o motivador das análises que permeiam a bibliografia histórica, o autor reconhece que toda menção aos filósofos do Iluminismo se limitam de fato ao

⁴⁰ PETER, Gay. The Enlightenment in Its World. In: *The Enlightenment: an interpretation; the rise of modern paganism*. New York: Vintage, 1966. P.3-20

⁴¹ PORTER, Roy. *The Enlightenment: Studies in European History*. 2ed. New York: Palgrave, 2001.P.5

⁴² GAY, Peter. *The Party of Humanity: Essays in the French Enlightenment*. New York: Norton, 1971.

⁴³ Este tema também é abordado em outra obra do mesmo autor: *The Enlightenment, An Interpretation, The Science of Freedom*. Vol.2. (1969) New York: Norton Library, 1977. P.10

⁴⁴ GAY, Peter. *The Enlightenment, An Interpretation: The Science of Freedom*. Vol.2. (1969) New York: Norton Library, 1977.

⁴⁵ PORTER, Roy. What Was The Enlightenment? In: *The Enlightenment: Studies in European History*. 2ed. New York: Palgrave, 2001.

universo masculino, excluindo a presença e atuação da mulher como protagonista ou participante ativa do movimento intelectual da época⁴⁶.

Sendo assim, novas abordagens se fazem necessárias ao investigar-se o âmbito da produção intelectual do século XVIII, influenciadas pelo interesse do estudo de gênero e história da mulher, além de oferecerem oportunidades para reavaliar o relacionamento das mulheres junto ao Iluminismo e uma possível remodelação nos conceitos de feminilidade e as diferentes formas nas relações de gênero⁴⁷. Essas abordagens nos permitem formular perguntas referentes às ausências historiográficas protagonizando a mulher para além do espaço privado conferido a seu gênero, e admiti-la como agente da esfera pública intelectualizada, numa época em que a História fez questão de manter circunscrita aos *savants*⁴⁸ masculinos.

No capítulo “*Ambiguous Beings: Marginality, Melancholy and the Femme Savante*”, a historiadora Anne C. Vila⁴⁹, faz menção ao fato de que o que mais “irritava” os contemporâneos iluministas franceses eram as mulheres notoriamente ou manifestadamente intelectuais⁵⁰. A partir desse comentário pode-se deduzir o preconceito gerado pela mulher que abertamente expusesse seu interesse e conhecimento letrado⁵¹. A maioria das menções às mulheres da época que de alguma forma ou de outra estiveram ligadas aos círculos do conhecimento se encontram na corte e nos salões parisienses, não como autoras e propagadoras do saber, mas de maneira periférica e “ornamental” de um mundo dirigido pelo intelecto masculino.

⁴⁶ PORTER, Roy. What Was The Enlightenment? In: *The Enlightenment: Studies in European History*. 2ed. New York: Palgrave, 2001

⁴⁷ RENDALL, Jane. *Women and the Enlightenment in Britain, 1690-1800*. In: *Women and Gender History: Women's History - Britain, 1700-1850*. BARKER, Hannah. CHALUS, Elaine. (eds.). London: Routledge, 2005. P.9-3

⁴⁸ *Savant* (m.) / *savante* (fem.) - Termo em frances largamente utilizado na escrita no século XVIII, significando intelectual, erudito, sábio, filósofo, pensador, uma pessoa instruída ou ainda, um cientista ilustre. Fonte: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/savant>. Último acesso em: 15/10/2017

⁴⁹ VILA, Anne C. “Ambiguous Beings: Marginality, Melancholy, and the Femme Savante”. In: Knott S., Taylor B. (eds.) *Women, Gender and Enlightenment*. London: Palgrave Macmillan, 2005.

⁵⁰ Idem. “*Few personae seemed to vex the French enlightenment quite so deeply as that of the overtly cerebral woman; although learned women enjoyed a prominent role both at court and in Parisian Salon, they were nonetheless vulnerable to the biting ridicule made popular years earlier by Molière's satire of pretentiously intellectual 'pécieuses', Les Femmes savantes*”, (*The Learned Ladies, 1672*) P.53.

⁵¹ ZINSSER, Judith. *Émilie du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006. Na obra fica explícito pela autora: P.58 “*The moralists of Du Châtelets era would expect family duties and increased demonstrations of religious devotions to replace the vanities and frivolous entertainments of her former life, not studies rivaling those of male contemporaries.*” ; P.133 “*...that left Du Châtelet equally open to ridicule and disdain.*” P.134 “*...Du Châtelet realized that she had enemies as well.*”

Mesmo tendo comprovações factuais⁵² de produções científicas e intelectuais, como as da Marquesa, que além de dar conta de suas funções como integrante da alta aristocracia francesa⁵³ e com isso agir de acordo com o nível social ao qual pertencia, configurado por uma extensa cobrança de costumes, aparências e tradições, ainda teve a ambição e força de vontade de vencer as barreiras de uma época, para dar vazão à sua busca pelo conhecimento científico e intelectual⁵⁴. Por conseguinte, tal empenho pessoal possibilitou-a ser autora de trabalhos científicos e filosóficos que a qualificaram pelos seus contemporâneos como uma mulher prodígio⁵⁵ e *femme savante*⁵⁶.

Trazer voz à personagem que ajudou a disseminar a física Newtoniana na França ainda dominada pelo pensamento de Descartes⁵⁷, e que não se intimidou diante das limitações que seu gênero impunha numa sociedade aristocrata e patriarcal, indo buscar no aprendizado científico⁵⁸ os meios de alcançar a sabedoria, afirmando assim, sua “originalidade, sua independência e ambição contra um mundo hostil a tais pretensões”⁵⁹, será nossa intenção ao seguirmos adiante nessa pesquisa e análise comprobatória.

⁵² Revistas científicas que citam e/ou elogiam a obra da Marquesa Du Châtelet : *Journal de Trévoux*, Paris:1731,1741,1746; *Journal des Sçavans*. Paris:1740,1741; *Göttingische Zeitungen von gelehrten Sachen*. Göttingen: Im Verlag der privilegierten Universitäts Buchhandlung: 1739, 1741, 1742; *Observations Sur les Écrits Modernes*. Paris: 1739; Brucker, Johann Jakob. 1745; *Le journal universel, ou mémoires pour servir à l'histoire politique civile, ecclésiastique & littéraire du XVIII. siècle*. Utrecht: 1746; Fontes: <http://babel.hathitrust.org>; <http://gallica.bnf.fr>; Último acesso: 14/01/2018.

⁵³ BADINTER, Elisabeth. Prefácio. *Discurso Sobre a Felicidade*. Madame du Châtelet. São Paulo: Martins Fontes, 2002. P.7

⁵⁴ ZINSSER, Judith. *Émilie du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006

⁵⁵ MUSSIELAK, Dora E. *The Marquise du Châtelet: a controversial woman in Science*. University of Texas at Arlington, 2014.

⁵⁶ VOLTAIRE. *Mémoire sur un Ouvrage de Physique de Madame la Marquise du Châtelet, Lequel a Concouru pour le Prix de l'Académie des Sciences en 1738*. In: *Oeuvres de Voltaire*, ed. Beuchot M. (Paris, 1830), xxxviii, 353–60, p. 353

⁵⁷ WHITFIELD, Agnes. *Emilie du Châtelet, traductrice de Newton, ou la traduction confirmation*. Portraits de Traductrices. J. Delsile (red.). Arras: Artois Presses Université, 2002. P.87-115.

⁵⁸ ZINSSER, Judith. Selected Philosophical and Scientific Writings. In: *The Other Voice in Early Modern Europe*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

⁵⁹ BADINTER, Elisabeth. Prefácio. *Discurso Sobre a Felicidade*. Madame du Châtelet. São Paulo: Martins Fontes, 2002. P.8

1.2. Do Dever à Ambição Intelectual

Com o objetivo de primeiramente apontar a relevância da Marquesa Émilie Du Châtelet para a divulgação do conhecimento científico e filosófico, na primeira metade do século XVIII, e destacar sua participação na República das Letras, como integrante de um grupo seleto de pessoas que se comunicavam através de uma rede complexa de correspondências com o propósito da erudição⁶⁰, apresentaremos a relevância de sua produção intelectual para a comunidade letrada da época, assim como, assinalaremos o impacto que seus feitos tiveram sobre o meio intelectual contemporâneo.

Para situar a Marquesa Du Châtelet como produtora e propagadora do saber, faz-se necessário compreender o meio ao qual estava inserida e sua ambição pelo conhecimento, que nas palavras de uma das suas principais biógrafas, a historiadora Elisabeth Badinter, a descreve como “uma mulher excepcional, tanto por sua personalidade quanto por seus talentos intelectuais e sua vida fora do comum”⁶¹. À parte, de ser uma nobre pertencente a uma das famílias de linhagem mais antigas da França, descendentes de Carlos Magno⁶² por parte do Marquês Du Châtelet, e por tanto, pertencentes à *noblesse d’épée*⁶³; assim como por parte do pai, o Barão de Breteuil, cortesão íntimo do rei Luis XIV, *lecteur ordinaire du roi*, detentor do direito participar do *grand lever* com o privilégio de se aproximar do rei e servi-lo diretamente⁶⁴, Émilie Du Châtelet se achava incumbida, dentre suas inúmeras funções como marquesa, às obrigações que sua categoria impunha junto à corte real. Contudo, a Marquesa pouco se limitou aos preconceitos de sua época e soube buscar a conquista intelectual em face à um mundo avesso a semelhantes presunções.

⁶⁰ MIERT, Dirk Van. *What was the Republic of Letters? A brief introduction to a long history (1417-2008)*. Pp.269-286. Briefgeschiedenis. Groniek Historisch Tijdschrift Utrecht University, 2016. Disponível em: [www.http://rjh.ub.rug.nl/groniek/article/viewFile/27601/25014](http://rjh.ub.rug.nl/groniek/article/viewFile/27601/25014). Acesso em: 25 Out. 2017.

⁶¹ BADINTER, Elisabeth. *Prefácio*. In: CHÂTELET. *Discurso Sobre a Felicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁶² BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. P.57.

⁶³ *Noblesse d’épée*, nobreza adquirida pelo direito de nascimento, diferentemente da *noblesse de robe* concedida através de prestações de serviços à coroa; In: *Émilie Du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006. P.33

⁶⁴ ZINSSER, Judith. *Émilie du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006. P.14-17

*"I feel the full weight of prejudice that excludes us women so universally from the sciences, this being one of the contradictions of this world, which has always astonished me..."*⁶⁵

Se analisarmos sob essa perspectiva, perceberemos a visão dupla do universo humano, separando a mulher das especificidades atribuídas em sociedade e sendo regidos a partir de uma conotação viril. Permanecendo assim, destinados aos homens a potência física, o poder da razão e o domínio do mundo; enquanto à mulher caberiam a sensibilidade, a devoção aos seus e a submissão ao qual lhe eram impostas⁶⁶. Qualquer infração a esse imperativo seria entendido como ameaça à ordem instituída, pois mostraria a mulher assumindo as funções do sexo oposto e com isso, desequilíbrio no mundo.

Apoiando essa linha de pensamento, a autora Elisabeth Badinter⁶⁷ analisa o comportamento "ambicioso" da mulher pela busca da erudição, em contraposição ao pensamento de Rousseau, quando resgata da tradição judaico-cristã disseminada na civilização ocidental; assim como, fizeram antes, Molière⁶⁸ e Fénelon⁶⁹, unindo natureza à finalidade, na obra com vertente pedagógica, *Emile*⁷⁰, apontando na personagem *Sophie*, a natureza feminina como modeladora de conduta exemplar no mundo de forma a garantir equilíbrio e mesmo, como premissa imprescindível à felicidade. Qualquer tentativa de libertar-se dessa condição tornava-se sem fundamento ou ainda, em depravação. Para poder então preservar a educação feminina, segundo Rousseau, fazia-se necessário abster-se do ensino que desenvolveriam sua razão. Com isso, Rousseau se opõe à aspiração das mulheres na sociedade parisiense, que aspiravam a busca da cultura e do saber, já que esse caminho as afastava de sua "natureza", de suas funções familiares e de seus deveres para com a sociedade patriarcal do século XVIII.

⁶⁵ CÂTELET, Emilie du. *Selected Philosophical and Scientific Writings*. (Org. e Trad.) Judith Zinsser. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. P.48. *"Sinto a totalidade do peso do preconceito que exclui nós mulheres tão universalmente das ciências, sendo essa uma das contradições deste mundo, que sempre me chocou..."* (Tradução livre)

⁶⁶ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

⁶⁷ Idem. P.27-31

⁶⁸ MOLIÈRE, Chrysale de. *Les Femmes Savantes*, 1672 (ato.II, cena VII).

⁶⁹ FÉNELON. *De L'éducation des Filles*, 1687. Reed: Delalain, 1878. P. 2

⁷⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação (1762) Livro V*. São Paulo: Martins Fontes, 4a edição, 2014.

Nessa perspectiva, a ambição pela instrução intelectual ia contra a submissão ideal, da feminilidade e da fragilidade. A ambição voltada ao desenvolvimento intelectual pertencia ao mundo da virilidade, da guerra, do poder. Em trabalhos posteriores, continuaríamos a nos deparar com essa linha de mentalidade, que descreve a ambição feminina como uma manifestação masculinizada, como visto pelo renomado professor da Sorbonne e sumidade nas obras de Voltaire, René Pomeau, ao descrever a intelectualidade feminina, “*Esta mulher que quer se fazer de homem...*”⁷¹, delimitando bem os limites que separam o dualismo humano para além da anatomia orgânica. Quiçá fosse esta a razão que inibiam as mulheres como a Marquesa Du Châtelet de exporem abertamente seus conhecimentos, visto que nem mesmo à mesa de jogos no círculo da rainha da França as nobres damas da aristocracia desconfiavam que com elas sentava-se a tradutora e comentadora da nova ciência de Newton⁷².

1.3. Consagração Intelectual

Desde a mais tenra idade, Émilie Du Châtelet demonstrou capacidade intelectual fora do comum, vindo a traduzir para o francês o poema Eneida⁷³, de Virgílio, demonstrando impressionante domínio pelo latim, além de evidenciar o pendor para a matemática e metafísica cartesiana, compreendendo desde cedo os vínculos entre as ciências naturais, o pensamento objetivo e metódico que percebia serem complementares e que viriam a nortear seu pensamento na fase adulta⁷⁴, época em que desafiaria os alicerces sociais destinados à figura feminina dentro da elite aristocrática francesa de seu tempo. Por conta de seu aguçado interesse na área da matemática, buscou adquirir conhecimentos em álgebra e geometria com renomados

⁷¹ POMEAU, René (1917-2000). *La Religion de Voltaire*. Paris: Nize, 1974. P.175; *Voltaire En Son Temps*. Paris: Nize, 1994. Na 2ª metade do século XX ainda vemos a predominância do pensamento “rousseauuniano” em descriminar o comportamento feminino que “ousa se comportar qual um homem” e por tanto, “transgredindo” as leis naturais..

⁷² BADINTER, Elisabeth. Émilie, Émilie, *A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. P.213; EHRMAN, Esther. *Mme Du Châtelet- Scientist, Philosopher and Feminist of The Enlightenment*. Oxford: Oxford University Press, 1986. P.3

⁷³ VOLTAIRE. *Éloge Historique de la Marquise du Châtelet*. In: Introdução de *Principes Mathématiques de La Philosophie Naturelle de Newton, Traduit par Madame du Chastelet*. Paris: Desaint et Saillant, 1759. Reedição em fac-símile, Paris: Blanchard, 1966.

⁷⁴ BADINTER, Elisabeth. Émilie, Émilie, *A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. P.77

cientistas da época, tais como os membros da Academia de Ciências Pierre Louis de Mauterpuis (1731), Alexis Clairaut (1734) e Dortous de Mairan (1740)⁷⁵, demonstrando assim, a extensão de seus interesses e conhecimentos além de confirmar a singularidade paradoxal da imagem feminina, indo buscar instruir-se pelos próprios meios, ao mesmo tempo que conciliava as demandas sociais de sua classe com sua ambição erudita. Nas palavras da historiadora Judith Zinsser, durante sua breve existência, Du Châtelet se manteve “inserida como partícipe ativa em quatro mundos: o da família, o da corte em Versailles e em Lunéville, no *le monde* (alta sociedade) de Paris e na República das Letras”⁷⁶.

Através de sua associação com Voltaire à partir de 1733, a Marquesa veio conhecer a ciência Newtoniana, pois que já era conhecedora da Filosofia Natural de René Descartes⁷⁷ e sua geometria analítica, além da astronomia de Galileo, Cassini e Halley⁷⁸. Os anos entre 1735 a 1739 seriam marcados por intensa atividade intelectual no castelo de Cirey, na região de Champagne, onde passaram a residir transformando a residência rural da família Du Châtelet num verdadeiro “polo letrado” atraindo variadas personalidades intelectuais da época⁷⁹, motivados pela fecunda difusão erudita que despertavam na comunidade letrada europeia.

O periódico isolamento no campo permitia que pudessem se dedicar aos estudos filosóficos e científicos afastando-os do que ela veio chamar de “*les choses frivoles*”⁸⁰ no prefácio de sua tradução comentada da obra de Bernard Mandeville (1723), “A Fábula das Abelhas”, onde o autor discursa a relação entre os vícios

⁷⁵ ZINSSER, Judith. *Mentors, The Marquise Du Chatelet and Historical Memory*. In: Notes and Records of The Royal Society of London. Vol.61, No.2, May, 22, 2007. P.89-108. <http://www.jstor.org/stable/20462616>; Último acesso: 15/11/2017

⁷⁶ ZINSSER, Judith. *A life in Four Worlds, Volume Editor's Introduction*. In: *Selected Philosophical and Scientific Writings. The Other Voice in Early Modern Europe*. Chicago: University of Chicago Press, 2009. P.3

⁷⁷ Na busca por encontrar um método que orientasse chegar a verdade de qualquer interrogação, René Descartes propôs um critério de dedução baseado na lógica matemática para orientar o raciocínio, assumindo as seguintes premissas: “Assumir a dúvida para evitar a precipitação; dividir as tarefas para melhor resolvê-las; iniciar o raciocínio pelo mais simples; enumerar e pesquisar o mais abrangente possível para ter certeza de não omitir nada”. DESCARTES, René. *Discourse on Method (1637)*. In: *The Portable Enlightenment Reader*. (Ed.) Isaac Kramnick. Part IV, Reason And Humanity, The Mind And Ideas. New York: Penguin Books, 1995. P 181.

⁷⁸ ZINSSER, Judith (Trad.). *Volume Editor's Introduction*. In: *Selected Philosophical and Scientific Writings*. Chicago: University of Chicago Press, 2009. P.7

⁷⁹ ZINSSER, Judith. *Emilie Du Châtelet, Daring Genius of The Enlightenment*. NY: Penguin Books, 2006. P.116

⁸⁰ CÂTELET, Emilie du. *Preface du Traductor, Mandeville's The Fable of The Bees*. In: *Selected Philosophical and Scientific Writings*. (Org. e Trad.) Judith Zinsser. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. P. 5 e 35

humanos e o equilíbrio da sociedade. A decisão da Marquesa em traduzir essa obra em particular, se devia ao fato de considerar essa obra como:

“...uma das obras mais adequadas à humanidade em geral. Creio que é o melhor livro de moral já escrito, é o que melhor permite que os homens vejam a verdadeira origem de seus sentimentos, e que quase todos praticam sem examinar. As ideias podem ser ousadas ... mas, ao ensinar os homens a se conhecerem, o livro não pode ser senão útil, para as pessoas pensantes, para as quais o livro é destinado.”⁸¹

Através dessa tradução, a Marquesa expõe mais adiante no prefácio a constatação de poder ter se reconhecido na vida adulta como uma “criatura pensante”, “comecei a acreditar que sou um ser com uma mente”, fato este que lhe teria sido negado pelo fato de ser mulher⁸². Mesmo tendo tido uma educação atípica para o seu gênero, ainda assim, se via excluída da possibilidade de frequentar oficialmente as instituições e sociedades eruditas, tais como universidades e academias, ficando estas exclusivas ao universo masculino.

Em 1735, ela decide se mudar para o castelo de Cirey e passa a viver com Voltaire. Apaixonados pela ciência, vão se dedicar quase que exclusivamente aos estudos e às pesquisas científicas. Ao compartilharem ambos pelo gosto do estudo e pela ciência, passavam a viver um romance estimulado também pelo intelecto. Dessa forma, longe dos salões de Paris, puderam dar livre curso à liberdade de pensamento e à investigação, no ambiente que haviam decidido se instalar pelo período de mais de dez anos. Em meio ao retiro idílico no campo, ao qual Voltaire chamava de “pequeno paraíso”, se dedicaram a estudar de maneira sistemática as passagens Bíblicas do Antigo e Novo Testamentos.

Na medida em que os estudos avançavam, a Marquesa passou a escrever seus comentários baseados em rigor metódico e apontar as incongruências e contradições

⁸¹ CÂTELET, Emilie du. *Prefácio de A Fábula das Abelhas*. In: *Selected Philosophical and Scientific Writings*. (Org. e Trad.) Judith Zinsser. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. Pag.49 “...one of the world's works most suited to humanity in general. It is, I believe, the best moral book ever written, that is the one that best enables men to see the true origin of feelings which nearly everyone indulges without examination. The ideas may be bold... but if they teach men to know themselves, the book cannot fail to be useful to thinking people, for whom alone the book is destined.” Tradução livre.

⁸² Sobre a o preconceito à educação feminina e as dificuldades da mulher em obter instrução intelectual, veremos mais adiante no capítulo (..)

aparentes em inúmeras passagens aceitas como dogma⁸³. A partir da análise crítica, puderam identificar incongruências lógicas na literatura do Novo Testamento, como ressalta o historiador, David Bodanis, levando ao “questionamento das bases das crenças religiosas tradicionais, que era um dos atos fundamentais do Iluminismo”⁸⁴.

Para ilustrar sua dedução, ela notou que haviam ideias em comuns que não mudavam de cultura para cultura, como a *regra de ouro*, “faça aos outros o que gostaríeis que fosse lhe fosse feito”⁸⁵, e que formará a obra escrita pela Marquesa, “*Examen de la Genése*”, em 1738. Junto com Voltaire, passaram a formular deduções como: “Há uma Lei Universal para todos os homens”. Segundo Bodanis, as formulações da Marquesa eram tão profundas que Voltaire as copiou posteriormente em o *Tratado Sobre Metafísica*, em que reforçava o pensamento Iluminista como a autonomia de se buscar uma ciência social universal aplicável a todos.

Em conjunto, também escreveram a obra, *Elementos da Filosofia de Newton*⁸⁶, voltada para a maior compreensão sobre a física ótica e o sistema de atração universal proposto por Newton⁸⁷ vindo a ser publicado em 1738. Embora a autoria tenha sido creditada à Voltaire, tendo em vista, segundo Bodanis, que “essa era a ordem usual das coisas, mas de fato os dois autores deveriam ter recebido crédito”⁸⁸, ele dedicou a obra à Marquesa reconhecendo sua colaboração, assim como, também, atestava que sem suas contribuições não teria sido possível a conclusão da mesma.

“O estudo sólido que fizestes de muitas verdades e o fruto de um trabalho respeitável são o que ofereço ao público para vossa glória,

⁸³ CÂTELET, Emilie du. *Examinations of The Bible*. In: Selected Philosophical and Scientific Writings. (Org. e Trad.) Judith Zinsser. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. P.201; BADINTER, Elisabeth. Émilie, Émilie, *A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. P.77. “(ela) é uma pura intelectual cartesiana, que só conhece a dedução como maneira de pensar... Ela é toda rigor e método”, Voltaire, ao se referir à seus comentários fruto dos estudos críticos; EHRMAN, Esther. *Mme Du Châtelet- Scientist, Philosopher and Feminist of The Enlightenment*. Oxford: Oxford University Press, 1986. P.8

⁸⁴ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. P.131

⁸⁵ Idem. P.134

⁸⁶ VOLTAIRE. *Ouvres Complètes de Voltaire*. Ed. Theodore Besterman et al. Geneva and Oxford: Institute et Musée Voltaire and Voltaire Foundation, 1968.

⁸⁷ Na obra *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (1687), Isaac Newton descreve a *Lei de Gravitação Universal* como sendo uma força de atração inerente a todos os corpos constituídos de massa, desde as menores partículas, tais quais os gases, até os maiores corpos celestes no espaço. A *Lei de Gravitação Universal* seria responsável por explicar a atração física da força da gravidade, onde “Dois corpos atraem-se com força proporcional às suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância que separa seus centros de gravidade”. Fonte: <http://www.sofisica.com.br/conteudos/Mecanica/GravitacaoUniversal/gu.php>. Data da última entrada: 09/04/2018.

⁸⁸ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. P.143

para a glória do vosso sexo [...] ao dar uma ideia clara [...] destas leis primitivas que Newton descobriu...”⁸⁹

No livro escrito pelo historiador da Universidade de Oxford, o professor David Bodanis declara ao se referir ao livro que escrevia intitulado, “ $E=mc^2$ ”, sobre a história da física moderna:

“Ela o guiava pelas grandes obras de Newton, configurando na grande guinada da carreira (científica) de Voltaire, ao que ele passou a investigar seriamente com ela, como as claras leis racionais que Newton descobrira para o cosmos, poderiam também ser aplicadas para aperfeiçoar as instituições humanas na Terra.”⁹⁰

Ainda na segunda edição da obra, *Elementos da Filosofia de Newton*, em 1748, Voltaire não só volta a insistir na colaboração da Marquesa na *Épître Dedicatoire de L’édition*, como vai além e admite sua superioridade intelectual:

“Quando coloquei pela primeira vez vosso respeitável nome no título destes *Éléments de Philosophie*, eu me instruí convosco. Mas assumistes depois vô que não posso mais seguir. Sinto-me no presente como um gramático que teria apresentado um ensaio de retórica a Demóstenes ou a Cícero. Ofereço esse simples *Éléments* àquela que penetrou todas as profundezas da geometria transcendente e que somente entre nós traduziu e comentou o grande Newton.”⁹¹

Almejando ocupar uma cadeira na Academia de Ciências de Paris, Voltaire se inscrevera, em 1737, no concurso sobre a *Natureza e Propagação do Fogo*, no qual, teve como ajudante nas pesquisas, a Marquesa Du Châtelet. Contudo, ao perceber os caminhos equivocados que Voltaire tomava no direcionamento das experiências e sem conseguir movê-lo do curso que levava, tomou a decisão de anonimamente se inscrever no concurso (através da colaboração de seu marido o Marquês Du Châtelet) trabalhando às escondidas durante as noites e então, enviou a sua versão da

⁸⁹ VOLTAIRE. Elogio Introdutório. In: *Elements de la Philosophie de Newton*. 1ª Ed. 1738; BADINTER, Elisabeth. Émilie, Émilie, *A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. P.265

⁹⁰ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. P13

⁹¹ VOLTAIRE. *Epístola Dedicatória*. In: *Elements de la Philosophie de Newton*. 2ª Ed. 1748; BADINTER, Elisabeth. Émilie, Émilie, *A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. P.266

*Dissertation sur la Nature et la Propagation du Feu*⁹². A razão para a divergência do casal ocorreu pelo fato de Voltaire se posicionar enfaticamente em favor à ciência Newtoniana, sem considerar diferentes abordagens na busca experimental que empreendiam, como era de costume entre os acadêmicos ao seguir uma perspectiva filosófica e se posicionarem contrariamente à outras. Sem se sentir “presa” à vertentes acadêmicas Newtonianas, Cartesianas e mesmo Leibizianas, já que não pertencia a nenhuma sociedade acadêmica oficial e com isso ter a maleabilidade de transitar livremente entre as diferentes filosofias, Du Châtelet se propôs a experimentar as três ciências para o seu primeiro trabalho original em física experimental.

Para a comprovação justificatória sobre a natureza da luz e do fogo proposta pelo concurso da *Academie*, Voltaire sustentava a teoria de que a luz seria constituída de partículas diminutas de massa, visão esta que era compartilhada pela maioria na época⁹³ e buscava validação através de diversos experimentos montados para este fim. Contudo, pela lógica da Marquesa, a luz não poderia possuir massa, pois que se de fato houvesse peso, os raios solares que viajariam a enorme velocidade pelo espaço, chegariam ao planeta devastando por completo a vida na Terra⁹⁴. Nesse momento ela se voltava contra a eminência acadêmica ultrapassando postulados habitualmente admitidos. Mas, precisava ainda explicar a origem do calor emanado pela luz, já que este não ocorria pela existência de partículas materiais, e deveria por tanto, ser transmitido de outra forma.

A Marquesa Du Châtelet, se serviu então, da noção da existência de feixes de luz produzidos pelo prisma e a partir desta proposição, segundo a historiadora americana Judith Zinsser⁹⁵, a Marquesa ciaria uma síntese de explanações e descrições oriundas de três vertentes científicas, sugerindo que as diferentes cores transportariam além de luz, potencial calorífico. Foi ainda mais longe, dizendo que as diferentes cores de luz transportariam diferentes quantidades de calor, insinuando o

⁹² CÂTELET, Emilie Du. *Dissertation sur la Nature et la Propagation du Feu* (1739). In: *Selected Philosophical and Scientific Writings*. (Org. e Trad.) Judith Zinsser. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. P.53-103

⁹³ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. P.175; ZINSSER, Judith. *Volume Editor's Introduction, Cap. 2*. In: *Selected Philosophical and Scientific Writings*. Chicago: University of Chicago Press, 2009. P.53-54

⁹⁴ ZINSSER, 2009. P.55, 76-77; SAGET, Hubert. *Une édition ASPM: De la Nature et de la Propagation du Feu*. Paris, 2 Janvier, 2007.

Disponível em: <https://www.fontesdart.org/une-edition-aspm-de-la-nature-et-de-la-propagation-du-feu-introduction/>. Acesso em: 16 Abril 2018.

⁹⁵ ZINSSER, Judith. *Volume Editor's Introduction*. In: *Selected Philosophical and Scientific Writings*. Chicago: University of Chicago Press, 2009. P.15

que somente anos mais tarde, em 1800, seria chamado de *radiação infravermelha* pelo astrônomo inglês William Herschel⁹⁶. Consequentemente, dando sequência à descoberta da luz ultravioleta, comprovando a existência de uma ampla variedade de luz que não são visíveis ao olho nu.

Para que pudesse de fato ter comprovado tal suposição, resultando em sua grande revelação, teria sido necessário fazer uso diurno dos raios solares e objetos científicos usados em conjunto a Voltaire, o que se tornava impossível já que este se mostrava irredutível na direção que conduzia as experimentações e sem conseguir movê-lo, escreveu em uma de suas cartas “Eu não podia realizar nenhuma experiência, (...) por que não conseguiria escondê-la do Sr. Voltaire⁹⁷”. Com um reduzido prazo para a elaboração da dissertação, no período de um mês, submeteu seu artigo sem as provas necessárias que fundamentariam sua pesquisa, sob o respaldo do Marquês Du Châtelet, único a saber sobre sua inscrição⁹⁸. A deliberação levaria meses antes que fossem anunciados os vencedores do concurso. Em uma carta escrita à Pierre de Maupertuis, membro da Academia de Ciências, a Marquesa comenta sobre sua ousadia:

“Eu acredito que você terá ficado muito surpreso por eu ter sido ousada o suficiente para escrever um ensaio para a *Académie* .. Eu queria experimentar minha habilidade *icognito*... M. Du Châtelet foi o único a quem revelei, e ele manteve o segredo tão bem que não disse nada para você em Paris. Não pude realizar nenhuma experiência, porque estava trabalhando com o M. de Voltaire e sabendo disso, eu não teria conseguido escondê-los dele ... Não contei ao M. De Voltaire porque não queria ter que corar diante um empreendimento que poderia ter desagradado a ele. Além disso, opus-me a quase todas as suas ideias no meu trabalho; Eu nada confessei, até que vi em uma *gazzette*, que nem ele nem eu participamos do prêmio!”⁹⁹

⁹⁶ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. P.178

⁹⁷ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. P.174

⁹⁸ ZINSSER, Judith. *Volume Editor's Introduction, Cap.2*. In: *Selected Philosophical and Scientific Writings*. Chicago: University of Chicago Press, 2009. P.54

⁹⁹ EHRMAN, Esther. *Mme Du Châtelet: Scientist, Philosopher and Feminist of the Enlightenment*. Leamington Spa: Berg, 1986. Pag.30 “I believe you will have been very surprised that I was bold enough to write a memoir for the *Académie*.. I wanted to try out my ability *icognito*... M. Du Châtelet was the only one I took into my confidence and he kept it a secret so well he said nothing to you in Paris. I was unable to carry out any experiment because I was working with M. de Voltaire knowing about it and I would not have been able to hide them from him....I did not tell M. de Voltaire because I did not wish to have to blush about an undertaking that might have displeased him. Moreover, I opposed almost all his ideas in my work; I did not confess until i saw in a *gazzette* that neither he nor I had a share in the prize!” Livre Tradução.

Nesse mesmo tempo, Du Châtelet trabalhava na obra *Fundamentos da Física*, no qual se utilizava da metafísica de Gottfried Wilhelm Leibniz e da mecânica Newtoniana para descrever o funcionamento do cosmos. Ao juntar correntes filosóficas diferentes, a Marquesa se posicionava entre os extremistas Cartesianos (apoiado pelos acadêmicos franceses) e os Newtonianos (apoiado pelos acadêmicos ingleses) na expectativa de tentar formular uma base metafísica para explicar o cosmos e desse modo, diminuir a resistência francesa à nova física inglesa; ao mesmo tempo que ampliava a abrangência da investigação ao incluir noções da metafísica de Leibniz, apontando para *princípios contingentes e espontâneos* a guiar o raciocínio, ora determinados pelo *Princípio da Contradição* no qual algo pode vir a ser simultaneamente verdadeiro e falso, quer pelo *Princípio da Razão Suficiente* cuja a validação de uma prova se faz *a priori*, ou seja, uma comprovação baseada pela demonstração e explanação do mesmo¹⁰⁰, ao qual se entendia que nada acontecia sem que houvesse uma razão satisfatória em detrimento de algum outro modo hipotético¹⁰¹. O filósofo alemão também admitia a existência das *mônadas*, como sendo as menores partículas dos fenômenos físicos, ou ainda, os elementos basilares do universo, o que nos dias atuais poderíamos chamar de partículas subatômicas.

Enquanto a filosofia natural de Descartes partia de pressupostos filosóficos e teológicos para só depois discursar sobre o mundo físico, a abordagem que a Marquesa Du Châtelet buscava orientar, partia de noções básicas da construção do conhecimento lógico e como este se estabelece, na mesma medida em que discutia o papel de uma inteligência superior onipresente na natureza da matéria, do espaço e do tempo¹⁰². Em meio a esses *fundamentos* metafísicos e filosóficos, a Marquesa apresentava uma síntese da mecânica de Newton, o racionalismo de Descartes, ao mesmo tempo que introduzia a metafísica de Leibniz, criando uma teoria única para representar o sistema natural desde a menor partícula da matéria até a imensidão do universo¹⁰³.

Tal abordagem representava a originalidade de suas ideias, já que diferentemente dos cientistas da época que seguiam uma única linha de pensamento para explicar os fenômenos naturais, a Marquesa Du Châtelet criava uma fusão das

¹⁰⁰Stanford Encyclopedia of Philosophy. Fonte: [https://plato.stanford.edu/entries/sufficient-reason/#Leib.3.Leibniz.3.1.What Is Sufficient Reason?](https://plato.stanford.edu/entries/sufficient-reason/#Leib.3.Leibniz.3.1.What%20Is%20Sufficient%20Reason?) Último acesso: 09/04/2018.

¹⁰¹ CHÂTELET, Emilie Du. *Foundations of Physics*. In: *Selected Philosophical and Scientific Writings*, 2009, Cap.3. P. 126-130

¹⁰² ZINSSER, Judith, 2009. P.8

¹⁰³ ZINSSER, Judith, 2009. P.15

diferentes linhas filosóficas para a compreensão das leis que regulam o cosmos. Leibniz e Descartes forneciam as bases conceituais para acreditar na capacidade de exercício de sua mente, e seguir à risca um método de averiguação e análise, para desse modo, elaborar um sistema de hipóteses baseados na observação, na demonstração e em correspondências provenientes da experiência e da matemática. Tudo o mais, entraria em contradição ao conceito de uma natureza governada por leis imutáveis universais propostas pela nova ciência Newtoniana .

Em Abril de 1738, a *Academie* revelou os vencedores do concurso, mantendo o prêmio dentro da “tradição”, para os pesquisadores R.P. Lozeran e Comte de Créqui, numa pesquisa de repetição ao que já se aceitava na ciência *Cartesiana* e outra para o matemático suíço, Leonhard Euler, sobre cálculos no estudo da velocidade do som¹⁰⁴. As proposições ao novo sistema estrangeiro Newtoniano foram bloqueadas em detrimento ao sistema consagrado de Descartes que predominava entre o patriarcado acadêmico. No entanto, tanto o artigo de Voltaire quanto o da Marquesa receberam menções honrosas pela Academia,

“Ambos os ensaios demonstram ampla leitura e grande conhecimento das melhores obras de física, além disso, o número 6 é de autoria de uma senhora de alta estirpe, madame Du Châtelet, e o 7 é de um dos nossos melhores poetas.”¹⁰⁵

Com base na entrada solitária e anônima ao concurso acadêmico, a Marquesa Du Châtelet iniciava sua admissão ao mundo científico e reconhecimento como cientista francesa entre seus pares intelectuais. Sua fama alcançou a Sorbonne, recebendo menções positivas na universidade, além de ter seu artigo recomendado no mundo científico para além do território nacional. Em 1740, surgia a primeira edição de *Fundamentos da Física*, consagrando a Marquesa como filósofa, além, de já ser reconhecida no mundo científico e na sociedade letrada da República das Letras.

A partir destes exemplos iniciais, pudemos apontar a relevância da Marquesa para o meio científico de sua época e destacar sua atuação intelectual. Em seguida continuaremos por exemplificar o impacto que se seguiu através de suas obras

¹⁰⁴ SAGET, Hubert. *Une édition ASPM: De la Nature et de la Propagation du Feu*. Paris, 2 Janvier, 2007. Disponível em: <https://www.fontesdart.org/une-edition-aspm-de-la-nature-et-de-la-propagation-du-feu-introduction/>. Acesso em: 16 Abril 2018. (Zinsser.2009. P.55)

¹⁰⁵ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. P180

refletidas no mundo acadêmico e através da República das Letras, ao qual passava a se integrar como uma “igual” entre os eruditos do Iluminismo.

Também trataremos de inquirir sobre os desafios e obstáculos que, ainda assim, teve que defrontar estando inserida em um mundo onde a mulher se via circunscrita aos preceitos socialmente instituídos pela hierarquização masculina.

Capítulo 2

Frutos da Ambição

2.1. Em Meio ao Universo Letrado

Com o objetivo de chamar atenção para novos paradigmas da história de gênero que incluam a fala da mulher como protagonista e propagadora do saber à época do Iluminismo, passaremos a considerar a intensa troca de comunicações epistolares que sedimentavam a consagração da Marquesa Du Châtelet em meio ao círculo intelectual europeu, demonstrando dessa forma sua inserção e aceitação por parte dos filósofos e cientistas ao passarem a trocar com ela assuntos que dominavam os debates contemporâneos. Ao ser identificada como filósofa e cientista, e ser tratada como uma igual na discussão científica após as publicações de *Disserations sur la Nature et Propagation du Feu*¹⁰⁶(1738) e *Institutions de Physique* (1740), seu nome passa a ser inserido no universo da filosofia natural, como por exemplo, na menção a seu legado, feito pelo *Journal des Svants*, “...são o trabalho de uma Dama ilustre que, ...as ciências terão a dupla obrigação de contribuir para seu avanço através de suas luzes e seu exemplo”¹⁰⁷.

Sendo assim, torna-se necessário, situar a importância de suas obras, no intercâmbio e circulação do conhecimento que se intensificaram ¹⁰⁸, como consequência do reconhecimento que passava a receber do mundo letrado, resultando na ampliação da rede de correspondências que se tornava doravante inserida. Como ativa participante da República das Letras recebendo cartas de cientistas e filósofos importantes da Itália, Suíça, Inglaterra e Prússia, os membros da comunidade científica europeia passavam a incorporar Cirey como ponto de referência e

¹⁰⁶ *Journal de Trévoux: ou memoires pour servir à l'histoire des sciences et des artes. Paris, Maio, 1739. Pág.288,Nº 1134 e 1135.* Menção aos vencedores do concurso da Academia de Ciências além de fazer referência a dois trabalhos dignos de nota que seriam impressos, por mostrarem erudição e grande conhecimento de física ao exporem os trabalhos: “*La première, dit-on, est d'une jeune Dame d'un haut rang, & la seconde d'une de nos premières poets.*” Fonte:<<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000060077134;view=1up;seq=290>> Último acesso: 18/04/2018.

¹⁰⁷ *Journal des Savants.* Paris, Dezembro, 1740 Chez Chaubert. Pag.737-755. O jornal escreve um artigo sobre a obra *Institutions de Physique*, “... sont l'Ouvrage d'une Dame ilustre qui,... les sciences lui auront ainsi la double obligation de contribuer à leur avancement par ses lumieres & par son example.” Tradução livre. Fonte: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56589d/f703.item>. Último acesso: 18/04/2018.

¹⁰⁸ Pois que a Marquesa já participava extensamente na escrita de cartas como forma de comunicação e informação.

divulgação do conhecimento para além da fama que já possuía Voltaire.¹⁰⁹ A isso, soma-se a multiplicação da informação devido ao compartilhamento das reproduções literárias que partiam de Cirey, alargando consideravelmente a abrangência noticiada. Nesse sentido, a historiadora Dena Goodman, discorre sobre a representatividade da República das Letras de modo a se ter maior compreensão da história cultural do Iluminismo¹¹⁰, apontando para práticas discursivas que transitavam em paralelo às estruturas de poder.

O uso da escrita para a análise crítica dos mais variados interesses, se disseminava por uma rede postal que se estendia para além das fronteiras geográficas e linguísticas. Nas palavras de Dena Goodman, a República das Letras no Iluminismo era moldada pela “conversa polida” e a “escrita de cartas” que girava em torno dos salões parisienses, germinando uma história social que viria a ser produto de homens e mulheres como seus agentes protagonistas. Se, portanto, as práticas de discurso e sociabilidade polida caminhavam juntos, o entendimento de civilidade encontrava seu cume entre os *gens de lettres*¹¹¹ que se consideravam os líderes de um projeto ilustrado que beneficiaria a todos¹¹².

Por outro lado, a difusão do saber se operava através de trocas recíprocas de conversação e comunicação “entre iguais”¹¹³, ainda que composto por pessoas de diferentes status sociais e não mais exclusivamente por meio da hierarquia estamental e absolutista. Podemos observar, por exemplo, nos *salons* parisienses através de cartas que circulavam entre os letrados ao citarem o funcionamento desses encontros:

¹⁰⁹ BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012. P.191

¹¹⁰ GOODMAN, Dena. *The Republic of Letters: a cultural history of the French enlightenment*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

¹¹¹ Pessoas letradas. Tradução livre.

¹¹² GOODMAN, Dena. *The Republic of Letters: a cultural history of the French enlightenment*. Ithaca: Cornell University Press, 1994. P.4

¹¹³ A visão de que os salões representariam espaço igualitário entre intelectuais, é analisada por Antoine Lilti, que apresenta a versão ampliada dos salões como um espaço de lazer para a alta sociedade, moldada dentro dos costumes de sociabilidade e polidez de corte, caracterizados pelas maneiras controladas nas formas de agir, falar e escrever. Ver: LILTI, Antoine. *The Kindom of Politesse: Salons and the Republic of Letters in Eighteenth Century Paris*. *Republico of Letters: A Journal for of the Study of Knowledge, Politics, and the Arts*. Vol.I. No 1. May: 2009. Fonte: <<http://rofl.stanford.edu/node/38>>. Último acesso: 19/04/2018.

“No salão dela deixaram de ter importância questões relativas ao estatuto e às classes sociais,... deste modo se gerava um entendimento recíproco e assim se modificavam as pessoas na sua proximidade, sob a influência de um modo de pensar racional e filosófico que *Madame de Tencine* possuía.”¹¹⁴

As palavras do trecho citado são de grande valia para demonstrar a abertura que esses espaços sociais possibilitavam para a “mesclagem” de estratos sociais antes impensáveis de se associarem. Numa outra carta referente à *Madame Lespinasse* e seu *salon*, encontramos mais outro exemplo de consideração relevante:

“Ela conseguia reunir à sua volta uma sociedade extremamente numerosa, diversificada e assídua. O seu círculo renovava diariamente, das cinco às nove. Havia a certeza de aí encontrar homens excepcionais de todas as categorias do Estado, da Igreja, da Corte e do Exército, estrangeiros, escritores de elevada reputação... Com uma palavra habilmente lançada, (*Mme Lespinasse*) conduzia a conversação, animava-a e variava-a a seu bel-prazer. Política, religião, filosofia, narrativas, novidades: nada era excluído do seu convívio.”¹¹⁵

Gradativamente, o *status quo* ia se transformando com expressivo remodelamento do estado de coisas. Ainda na visão de Goodman, a polidez representaria a substituição da força coercitiva em favor das novas práticas sociais apoiadas na reciprocidade, por participantes que aderiam às regras de conversação polida oriundas dos salões de Paris. Os códigos da *boa conduta* eram a normativa que passavam a moldar o comportamento dos *gens de lettres*.

Em paralelo a isso, a escrita assumia lugar central ao abrir as portas para as relações de comunicabilidade engendrada pela organizada rede via postal. Esse encadeamento epistolar da erudição fruto da elite letrada, ampliava o espaço discursivo da conversação circunscrita aos *salons*, em direção a um público que se estendia para além da Europa Ocidental, como as sociedades de leitura e os cafés literários. Em outras palavras, os *gens de lettres* pertencentes ao *le monde* escreviam para o mundo, não obstante, um mundo restrito aos letrados. E o meio pelo qual circulavam os mais diversos conhecimentos se fazia através de cartas, tidas como “a

¹¹⁴ HOF, Ulrich Im. *A Europa no Século das Luzes*. Lisboa: Editorial Presença, 1995. Pag.108. Nos *salons* de *Mme de Tencine* frequentavam personalidades tais como, Fontenelle, Mairan, Montesquieu, Mably e Helvétius, entre outros. Sobre o *Salon de Mme de Tencine*, ver Frank Hamel, “An Eighteenth Century Marquise, a study of Emilie du Châtelet and her times”, Cap.4

¹¹⁵ HOF, Ulrich Im. *A Europa no Século das Luzes*. Lisboa: Editorial Presença, 1995. Pag.108. Nos *salons* de *Mme Lespinasse* frequentavam os colaboradores da *Encyclopedie*, como D’Alembert, Marmotel, Condillac, Condorcet, Turgot, entre outros.

ponte que preenchia o espaço privado onde se encontravam e a arena pública que buscavam moldar e conquistar”¹¹⁶, transformando a correspondência num importante meio de comunicação, em que autores e leitores se tornavam membros de uma mesma comunidade letrada.

Ao situar a carta como a forma dominante de escrita na primeira metade do século XVIII, concluímos que a ampla circulação das mesmas, criava uma rede intelectual de compartilhamentos que estabeleciam as bases para um extenso intercâmbio internacional do saber. Tem-se, portanto, na figura do público leitor o agente responsável por manter o fluxo dinâmico do intercâmbio erudito, visto que nesta via dupla onde, remetentes e destinatários emitiam e remetiam correspondências consolidando a República das Letras. Sendo assim, esse intenso fluxo de comunicação estabelecido pela comunidade intelectual formava uma rede conglomerada e cosmopolita de escritores conectados entre si, objetivando intenso diálogo e debate nas questões contemporâneas por via do princípio da reciprocidade epistolar.

Isso nos leva a considerar o que Dena Goodman sugere, quanto aos *philosophes* considerarem a si próprios como representantes de um público engajado no debate racional e crítico. Se, por um lado, ocupavam o lugar de árbitros da narrativa, por outro também estavam submetidos ao “tribunal da opinião pública”¹¹⁷ constituído pela comunidade leitora, no qual Voltaire chama de “tribunal da razão” e “um juiz justo... é o público, somente por seu tribunal espero ser julgado...”¹¹⁸. A partir daí percebemos que a abrangência epistolar constitui instrumento que viria a garantir a propagação e divulgação do conhecimento sendo, assim, determinante para os fundamentos do próprio Iluminismo.

Diferentes instituições sociais se beneficiavam da comunicação epistolar, entre eles os salões parisienses e as Academias de Ciência. Estas, promoviam espaços de debate onde ideias novas poderiam ser discutidas entre pensadores, tanto da nata conservadora oriunda da elite aristocrática, quanto progressista, proveniente das

¹¹⁶ (the philosophes) “...used letters to bridge the gap between the private circles in which they gathered and the public arena that they sought out to shape and conquer.” Tradução livre. GOODMAN, Dena. *The Republic of Letters: a cultural history of the French enlightenment*. Ithaca: Cornell University Press, 1994. P.137

¹¹⁷ GOODMAN, Dena. *The Republic of Letters: a cultural history of the French enlightenment*. Ithaca: Cornell University Press, 1994. P.138

¹¹⁸ Idem. P.138. Tradução livre, em correspondência de Voltaire para Elie de Beaumont, 19 de Agosto, 1766. *Ouvres Completes*. 52 Vols. D13501. Paris: Garnier, 1877-1885.

classes burguesas. Ao estimularem a produção intelectual através de diferentes concursos acadêmicos, uma vez tendo os artigos impressos, as academias acabavam favorecendo a discussão muito além dos limites confinados pelas sociedades letradas. Na percepção do historiador, Ulrich Im Hof¹¹⁹, o autor se refere sobre as academias: “...impõe-se, acima de tudo, objetivos científicos: aquilo que as universidades não conseguem realizar, deve ser efetuado pelo trabalho voluntário das academias”, resultando na repercussão evidente de ampla discussão ao adotar ideias modernas. Ainda na perspectiva de Ulrich Im Hof, as academias tinham objetivo de difundir uma certa “visão de mundo..., polindo e aperfeiçoando a inteligência humana” servindo assim, a uma visão utilitária do Iluminismo.

De outro modo, por meio da reimpressão e as subsequentes traduções dos diferentes artigos oriundos dos concursos acadêmicos, a opinião pública passava a se configurar no combustível imprescindível para os debates filosóficos e científicos que surgiam. De fato, os prêmios estimulavam o interesse geral e contribuía para a arrojada prática de difusão dos conhecimentos através de publicações em jornais e periódicos científicos, e que Ulrich Im Hof entende como ferramenta imprescindível para alcançar um “amplo público leitor segundo os pressupostos iluministas”¹²⁰.

Outro ponto que merece destaque, seria mencionarmos que, a língua francesa havia substituído a primazia do Latim nesse período e se tornado corrente entre as altas classes europeias, com exceção ao Reino Unido¹²¹. Logo, o francês se consolidou em língua internacional e consequentemente na língua adotada na maior parte das versões impressas, no intuito de facilitar a disseminação do conhecimento¹²². Também, sob a perspectiva de Roy Porter, o século XVIII passaria a ter no francês uma nova “*lingua franca*”¹²³ dominando o meio intelectual e com isso, atestando a vanguarda do pensamento francês através da língua mais corrente da Europa.

Além disso, vale ressaltar a crescente prática da tradução de obras literárias¹²⁴, a pavimentar o caminho para a propagação letrada, além de através desse exercício

¹¹⁹ HOF, Ulrich Im. *A Europa no Século das Luzes*. Lisboa: Editorial Presença, 1995. Pag. 101

¹²⁰ Idem. Pag.141

¹²¹ OUTRAM, Dorinda. *The Enlightenment*. Cambridge University Press, 3rd edition, 2013. Pag.12

¹²² GOODMAN, Dena. *L'ortographe des dames: Gender and language in the Old Regime*. In: TAYLOR, Barbara; KNOTT, Sarah (Orgs). *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005. Pag. 195-223

¹²³ PORTER, Roy. *The Enlightenment*. 2Ed. Ney York: Palgrave, 2001. Pag. P.47

¹²⁴ Sobre as transformações sociais e políticas na Europa ao longo do século XVIII com o aumento das trocas comerciais que contribuíram para a maior circulação de bens de consumo, incluindo livros,

possibilitar uma atividade em que as mulheres pudessem exercer uma função, já que todos os outros acessos às ciências abstratas lhes eram recusados. As traduções de obras de renomados “homens de letras” poderiam ser recebidos pelo público leitor sem as ameaças que adviriam da mulher que ousasse se aplicar num terreno da competência masculina. As palavras escritas pela Marquesa no prefácio de sua tradução da obra “A Fábula das Abelhas”, por Bernard Mandeville, refletem essa compreensão:

“Tradutores são os empreiteiros (negociantes) da Repúblicas das Letras, e devem ser ao menos valorizados por perceberem e conhecerem suas limitações e por não se comprometerem a produzir obras por si mesmos, e assim, evitem carregar um fardo sob o qual iriam sucumbir”¹²⁵

Do mesmo modo, a historiadora Elisabeth Badinter deixa claro sua visão ao afirmar as limitações impostas às atividades em que as mulheres do século XVIII poderiam cuidadosamente se aventurarem, “...a única ocupação intelectual permitida às mulheres era na literatura”¹²⁶, o que nos leva a considerar a via ambiciosa a que se lançavam ao enfrentarem a hostilidade da comunidade letrada para deixarem o lugar de simples “espectadoras passivas nos debates que agitam o mundo inteligente”¹²⁷ e palmilharem discretamente a prática da tradução, como maneira de evidenciarem suas existências como seres pensantes. Ainda pelas palavras da Marquesa e consciente da tarefa que assume ao lançar-se à tradução:

“A injustiça dos homens ao nos excluir das ciências deveria pelo menos servir para nos impedir de escrever maus livros. Vamos tentar ter essa vantagem sobre eles, que sua tirania se transforme em

panfletos e jornais, Ver: OUTRAM, Dorinda. *The Enlightenment*. Cambridge University Press, 3rd edition, 2013. Cap.2

¹²⁵ CHÂTELET, Emilie Du. *Selected Philosophical And Scientific Writings*. J.Zinsser (Org.).Chicago: The University of Chicago Press, 2009. Pag.46. “*Translators are entrepreneurs of the republic of letters, and they should be at least praised for perceiving and knowing their limitations and for not undertaking to produce works themselves, and thus attempting to carry a burden under which they would succumb.*” Livre tradução

¹²⁶ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. Pag.187

¹²⁷ Idem . Pag.189

uma necessidade afortunada, não deixando nada que nos condene , a não ser nossos nomes (por se referir ao gênero feminino).”¹²⁸

As palavras acima, refletem sua crítica às limitações impostas ao seu gênero, assim como ilustram um pensamento que caberia perfeitamente no discurso pelas igualdades de direitos das mulheres do século XX.

2.2. Críticas à Ambição

Como vimos anteriormente, a estabilidade do mundo dominado pela hierarquia masculina dependia da noção de superioridade conferida ao gênero sobre o universo feminino para poder exercer sua influência dominadora. Por tanto, qualquer tentativa de equilíbrio entre a comparação de gênero era tida como uma ameaça que precisava ser combatida. E a partir, dos autores como Fénelon, em *De L’education des filles*” (1687), e Molière, em *Les Précieuses Ridicules* (1659), assim como, posteriormente Rousseau, em *Émile* (1762), que viriam a reforçar a separação entre os sexos como “necessária” para a manutenção da ordem pretendida, podemos entender melhor o preconceito vivenciado pela mulher que de forma “rebelde”, ousava invadir uma esfera que, por determinação da hierarquia dominante, não lhe pertencia. No próximo capítulo, trabalharemos melhor a dialética argumentativa como conceito da historiografia contemporânea referente à dominação masculina quando discutirmos as prováveis razões para o silenciamento histórico do legado da Marquesa Du Châtelet.

Por hora, faz-se necessário que identifiquemos as ferramentas que possibilitaram o reconhecimento da Marquesa no mundo científico e filosófico da República das Letras, como justificativa de avançarmos no diálogo sobre sua produção intelectual e coletiva de seu tempo, para em seguida, analisarmos a apropriação intelectual que veio posterior. Nesse lógica, se observarmos o trecho de Fénelon, “uma mulher curiosa e que se arvora em saber muito, se vangloria de ser um gênio superior a seu sexo..., e nada a cura de sua teimosia”¹²⁹, percebemos claramente a crítica que é lançada à aspiração feminina em tentar cultivar seu intelecto. Tal

¹²⁸ “Men's injustice in excluding us from the sciences should at least serve to prevent us from writing bad books. Let us try to have this advantage over them, that their tyranny turns into a fortunate necessity for us and that in our works only our names are found at fault with.”

¹²⁹ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. Pag.183

expressão também é vista em Molière ao escrever uma peça teatral ridicularizando as *femmes savants* ao serem as anfitriãs dirigentes dos salões parisienses, responsáveis por selecionarem quais seriam os *philosophes* dignos de estarem dentre seus convidados ou ainda, ditando as regras de comportamentos e civilidade, além, de orientar o vetor dos assuntos que deveriam prevalecer nos debates da noite.

Essa rejeição à ambição feminina, demarca a vulnerabilidade da própria concepção de superioridade viril, ao tentar demarcar as funções e diferenças de gênero além do papel em que cada um deveria ocupar. Por outro lado, a mera necessidade de tais personalidades escreverem sobre a “ameaça feminina” estabelece a constatação de que haviam de fato, mulheres que ousaram transgredir os limites que por séculos foram-lhes impostos. Ao longo da história¹³⁰ houveram esses espíritos que muitas vezes, custando-lhes a própria vida, enfrentaram a dominação e a censura, a crítica e a ridicularização, a condenação e mesmo a morte para mostrarem ao mundo que eram dotadas de inteligência e capacidade de produzirem no campo da intelectualidade, tanto quanto seus pares masculinos, sem com isso deixarem de ser menos mulheres, mães, irmãs ou filhas dentro da competência de seus deveres sociais. Mas, o medo dos homens, diante de tão grave ameaça ao estabelecimento da ordem no mundo, concebido qual era, não poderia ser desestabilizado e a única forma de manutenção era a reprovação sistemática e incisiva contra “depravação” que tanto os ameaçava.

Ao lançarmos o olhar para a crítica do ponto de vista masculino, não podemos deixar de apontar o preconceito existente dentro do universo das próprias mulheres. A busca pela emancipação intelectual não foi de modo algum tida como homogênea entre elas. O que nos leva a supor que a mudança do *status quo* poderia levar a uma série de expectativas diferentes. Certamente com a Marquesa do Châtelet não foi diferente. Por diversas vezes foi alvo em vida e depois de sua morte, do sarcasmo e preconceito de outras mulheres que abertamente ridicularizavam a “pretensa” aspiração da Marquesa à ciências naturais e filosóficas. Como exemplo, uma das cartas que circulavam livremente por Paris, da *salonnière*, Madame du Deffand,

¹³⁰ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. Pag.182. Como exemplo, podemos citar a grega, Hipácia, que no século IV a.C. estudou em Atenas nas áreas de filosofia e matemática, vindo a lecionar em Alexandria, até que foi sentenciada a morte à pedradas, devido a rejeição dos monges que a viam como ameaça. Ou ainda, Madame Dacier, no final do século XVII, ao traduzir autores gregos e romanos muito melhor que os especialistas de seu tempo.

descreve de forma hostil a Marquesa Du Châtelet, ressaltando sua ambição intelectual como um defeito de arrogância:

“Ela não limitou sua ambição a esse objetivo, mas aspirou se tornar princesa e conseguiu, não pela graça de Deus nem do rei, mas por conta própria. Ela desde então, perdeu essa característica ridícula como muitos outros, e as pessoas vieram a ver nela uma princesa de palco, quase esquecendo que se trata de uma mulher de alta distinção.”¹³¹

Várias foram as hostilidades dirigidas à Marquesa pelas próprias damas pertencentes ao seu círculo social, por querer pertencer ao mundo das ciências. Vemos esse exemplo, nas cartas de Madame de Staal à Madame du Deffand, ao ridicularizarem a audácia da Marquesa Du Châtelet em tentar entender uma ciência que elas mesmas nada compreendiam: “...ela estudava a geometria para poder entender seu próprio livro (*Institutions*). Sua ciência é um problema difícil resolver. Ela fala dela como *Sganarelle* falava latim, diante daqueles que não o sabiam.”¹³²

Talvez os ciúmes que surgiam no seio das damas da corte fossem provocados pelos elogios que constantemente fazia Voltaire, ou mesmo de outras pessoas de seu círculo pessoal, nas cartas que circulavam pela comunidade letrada (constantemente recopiadas e disseminadas, como era o costume) quanto à sua capacidade intelectual: “Eu a vi (Du Châtelet) um dia dividir até nove algarismos de cabeça e sem nenhuma ajuda, em presença de um geômetra que não conseguia acompanhá-la”¹³³, ou ainda, “...ela lê Pope e a álgebra como se lê um romance. Custa-me crer na facilidade com a qual lê os ensaios de Pope, *On Man*, ...uma obra árdua aos próprios ingleses.”¹³⁴ Sua amiga, Madame de Graffigny, fica instigada pela prodígio intelectual da Marquesa e relata em uma de suas correspondências, “O livro estava escrito em latim e ela o lia em voz alta em francês..., traduzindo facilmente os termos de matemática e os cálculos que haviam ao longo do livro; nada podia detê-la.”¹³⁵ Madame de

¹³¹ EHRMAN, Esther. *Mme Du Châtelet: Scientist, Philosopher and Feminist of the Enlightenment*. Leamington Spa: Berg, 1986. Pag.20. “She has not limited her ambition to this, but wished to be a princess and she has succeeded, not by the grace of God nor of the king, but on her own. She has since dropped this ridiculous trait like many another and people have come to see in her a stage princess, almost forgetting that she is a lady of rank.” Tradução Livre.

¹³² Carta de Madame de Staal a Madame du Deffand, 20 de Agosto de 1747. Em: BADINTER, 2003. Pag.186

¹³³ MAUREL, A. *La Marquise Du Châtelet, amie de Voltaire*. Paris: Hachette, 1930. P.157; BADINTER, 2003. Pag. 188.

¹³⁴ Idem. Carta a Thieriot, 11 Setembro de 1735.

¹³⁵ Idem. *Correspondance* de Madame de Graffigny.

Graffigny lhe rende uma homenagem ao exclamar numa de suas cartas: “Nosso sexo deveria lhe construir altares.”

Entretanto, não eram somente ciúmes aos pretensos elogios à Marquesa que suscitavam críticas à sua ambição científica. Se nada mais, a nova ciência estrangeira já seria razão suficiente para provocar um escândalo dentro da comunidade cartesiana local, tal qual mencionado por Elisabeth Badinter. A importação para a França do sistema newtoniano, colocava em cheque o apelo nacional para conseguir deter tal influência. Certamente, a presença de uma mulher no meio de homens da ciência, tais quais, Mauterpius, Clairaut e Voltaire, que ousavam preterir um de seus cientistas (Descartes) à um estrangeiro (Newton), ainda mais um inglês nada menos, só poderia fomentar o terreno para crítica, considerando que além de ser mulher, ainda era a tradutora de uma obra científica estrangeira.

2.3. Caminho de Ascensão

Em meio ao círculo de eruditos ao qual a Marquesa conquistara acesso e com quem se correspondia, pode-se dizer, com os maiores pensadores da época, dentre estes, intelectuais como Mauterpius, Clairaut, Wolff, Euler, Jurin, padre Jacquier, Bernoulli, Koenig, Mairan, Fontenelle, Algarotti, Voltaire, os reis Stanislau e Frederico II, entre outros; ela conquistara através de seus próprios méritos adentrar um meio restrito ao universo masculino, aprofundando seus conhecimentos e expondo suas ideias com confiança e autoridade de uma autêntica cientista; sintetizando Newton, Leibniz e Descartes numa empreitada singular, trazendo-lhe reconhecimento público ao participar ativamente dos debates científicos da época.

Certamente várias etapas tiveram que ser galgadas para que a Marquesa passasse de uma menina curiosa pelo conhecimento na infância, à uma mulher cientista respeitada pelos seus pares. Sua dedicação e disciplina aos estudos, permitiram que conseguisse conciliar suas obrigações sociais pautadas por uma sociedade patriarcal, com sua ambição intelectual, resultando nos frutos das suas publicações e reconhecimento acadêmico. Nesse processo, que reconhecia fazer parte do “mundo dos homens”, soube se utilizar do convívio que sua classe lhe dava acesso, para com estes homens eruditos, poder construir um saber que a excluía do ensino formal das universidades pela mera razão de seu gênero.

Não é por acaso que Voltaire lhe dedica um artigo publicado na revista científica *Mercure de France*¹³⁶ em 1739:

“Era necessário que meu pequeno planeta desaparecesse inteiramente diante de seu sol, ...não fosse a opinião tão audaciosa de que o fogo não é matéria, esta senhora (Marquesa Du Châtelet) mereceria o prêmio. Mas o verdadeiro prêmio, que é a estima de toda a Europa sábia, é bem devido a uma pessoa de seu sexo...”

Sua primeira publicação através da Academia de Ciências, *Dissertation Sur la Nature du Feu*, vai lhe abrir as portas ao mundo científico, tendo seu nome citado com respeito pelos sábios das instituições acadêmicas. E, através dessa oportunidade, a Marquesa irá saber extrair as mais intensas trocas literárias, por meio de um número de correspondências que incitarão um fluxo constante de idas e vindas epistolares da mais estimada elite letrada da Europa, em direção à Cirey, que passara a ser o ponto de referência da nova ciência na França e residência de campo de duas personalidades eminentes da nação.

A segunda obra que iria legitimar sua condição de filósofa, seria o livro sobre os fundamentos da física inicialmente destinado a ajudar na educação do filho. A historiadora, Judith Zinsser, nos esclarece, que o *Institutions de Physique* (1738-1740), teria surgido para suprir uma necessidade pedagógica já que não havia disponibilidade na língua francesa de um livro que compilasse em uma única obra as principais vertentes científicas aceitas na época¹³⁷. A Marquesa Du Châtelet se propôs a formular uma teoria unificada no estudo filosófico e metafísico para explicar os fenômenos físicos na Natureza, unindo conceitos que hoje são estudados separadamente pelas disciplinas da metafísica, filosofia e física. Também, teve o esforço de combinar e reconciliar autores que se opunham ou se contradiziam, coisa que outros cientistas também consideravam mas que se limitavam a dar explicações pela via demonstrativa da matemática e do empirismo¹³⁸.

Na época em que concluía a primeira versão da obra *Institutions de Physique*, em 1738, os conceitos do alemão Gottfried Wilhelm Leibniz ainda se encontravam limitados na França, somente em 1768 seria publicado uma obra inteiramente

¹³⁶ “*Sur la Nature du Feu*”. In: *Mercure de France*, Junho de 1739, Tomo II, P.1320-1328

¹³⁷ ZINSSER, Judith. *Émilie Du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006. Pag.166

¹³⁸ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. Pag.324-325

dedicada a seus ensinamentos¹³⁹. Todo o material adquirido pela Marquesa referente ao cientista alemão, se basearam através de suas ligações epistolares por meio de Christian Wolff, discípulo de Leibniz e o rei da Prússia, Frederico II.¹⁴⁰ Enquanto a primeira edição, de 1738, tendia para os conceitos newtonianos, em que o cosmos seria entendido como uma máquina que pudesse ser decifrada através de princípios matemáticos, a segunda edição, de 1740, teria sofrido grande alteração, se baseando fortemente em conceitos Leibnizianos, ao falar dos conceitos mecânicos e energéticos do universo, imbuídos através de sua dinâmica em constante movimento e progresso. A partir desse novo paradigma, o universo poderia ser entendido por um conceito mais amplamente estruturado por forças dinâmicas e progressivas.

No que diz respeito à concepção da estrutura cósmica, pode-se dizer, que já era um debate que dividia os cientistas no século XVIII, em diversas hipóteses e controvérsias. As teorias referentes ao espaço e ao tempo adentravam os campos tanto da filosofia quanto das ciências naturais. Newton atestava que espaço e tempo eram entidades imutáveis aos quais tudo está submetido, sendo portanto, absoluto e uniforme; enquanto que para Leibniz, espaço e tempo não eram absolutos e se modificariam de acordo com diferentes movimentos no universo. Somente com Albert Einstein, duzentos anos depois, no século XX, essa questão seria definida pela sua teoria da relatividade, expresso pelo fenômeno da “dilatação temporal”, em que diferentes concepções de tempos podem ser percebidos de acordo com variados pontos de observações. Vemos, portanto, que a Marquesa Du Châtelet, ao apoiar as ideias de Leibniz, estava na realidade, divulgando uma nova concepção da ciência moderna e que viria a gerar grandes transformações no entendimento da física.

Ademais, no seu *Fundamentos de Física*, a Marquesa trazia de volta ao debate científico a necessidade do uso da “Hipótese” como meio de progresso da própria ciência, ideia cujo Newton havia rejeitado¹⁴¹, mas que a seu ver, percebia ser de suma importância, como sendo mesmo, um método científico moderno: “seria um grande dano para as ciências e retardaria infinitamente seu progresso, banindo as hipóteses,

¹³⁹ HAGENGRUBER, Ruth. *Émilie Du Châtelet: Between Leibniz and Newton*. Dordrecht: Springer, 2012. Pag.190. Referência à obra publicada *Opera Omnia* de Dutens em 1768, baseado na obra *Nouveaux Essais sur L'entendement Humain* disponível em 1765.

¹⁴⁰ Idem

¹⁴¹ HAGENGRUBER, Ruth. *Émilie Du Châtelet: Between Leibniz and Newton*. Dordrecht: Springer, 2012. Pag.199

como alguns filósofos modernos o fazem”¹⁴². Colocava-se assim, contrária ao postulado newtoniano “...*hypothesis, whether metaphysical or physical, or based on occult qualities, or mechanical, have no place in experimental philosophy*”¹⁴³. Vai ainda mais longe, ao argumentar que a Astronomia se baseava a partir de hipóteses, “*Toute l’Astronomie, par exemple, n’est fondée que sur des Hypotheses.*”¹⁴⁴, reconhecendo assim, que a ciência deveria portanto, encontrar espaço para a Hipótese, visto serem elas capazes de fazer descobrir a verdade, “*Les Hypotheses doivent donc trouver place dans les sciences, puisqu’elles sont propres à nous faire découvrir la vérité, & à nous donner de nouvelles vûes.*”¹⁴⁵

Com isso, os princípios destacados acima, além da metodologia em si adotada no *Institutions de Physique*, representaram um campo de análises inovadoras na área da pesquisa científica, impactando consideravelmente o meio intelectual europeu. A historiadora, Ruth Hagengruber, afirma que, com o surgimento da primeira edição da *Encyclopedie*, em 1752, os organizadores Diderot e d’Alembert incluíram várias citações da Marquesa Du Châtelet em diferentes artigos incorporando, por exemplo, citações tiradas do *Institutions* para serem usadas na definição e uso de “*Hypothèse*”¹⁴⁶.

Esse movimento, indica as consequências das mudanças ideológicas ocorridas sobre o mundo científico com o sucesso que sucederia a *Encyclopedie*, considerada verdadeiramente, como um instrumento revolucionário¹⁴⁷, que iria mudar a maneira do homem moderno pensar o mundo. Ao mostrar indícios do uso da produção intelectual da Marquesa numa obra destinada a ser uma contribuição positiva da inserção de novas ideias, como também, para a compreensão de fundamentos das regras e práticas de diferentes categorias da atividade humana, tem-se a constatação

¹⁴²HAGENGGRUBER (2012). Pag.199. “*Ce seroit donc faire un grand tort aux sciences, & retarder infiniment leurs progrès que d’en bannir avec quelques philosophes modernes, les hypotheses.*” In: *Institutions des Physiques* (1740), Pag.75 (Tradução livre)

¹⁴³NEWTON, Isaac. (1726). *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, General Scholium. Third edition, Anne Whitman's 1999 translation, University of California Press ISBN0-520-08817-4, Pag.974

¹⁴⁴ CHÂTELET, Emilie Du. *Institutions des Physiques de Madame la Marquise du Chastellet addresses à M. son fils: Nouvelle edition, corrigée et augmentée considerablement par l’auteur.* Amsterdam: Aux dépens de la Compagnie, 1742. Pag.9, In: HAGENGGRUBER (2012)

¹⁴⁵ CHÂTELET, Emilie Du. *Institutions des Physiques.* Paris: Prault, 1740. Pag.76

¹⁴⁶ HAGENGGRUBER (2012). Pag. 200. “*D’Alembert, for instance, quotes several passages from Du Châtelet’s Institutions in his article on “Hypothèse” in the Encyclopédie clearly attributing them to Du Châtelet.*”

¹⁴⁷ HANKINS, Thomas. L. *Jean D’Alembert, Science and the Enlightenment.* Cambridge: Cambridge University Press, 1985. Pag.66

da validade de suas ideias para o mundo científico de sua época e ao mesmo tempo para o reconhecimento intelectual que seus contemporâneos lhes conferiam.

Se portanto, vemos o alcance que tiveram as reflexões da Marquesa no campo intelectual do século XVIII, também constatamos o respeito que passava a receber por parte dos sábios de sua época. Diderot, La Mettrie, Kant e Helvétius faziam referências à Marquesa em suas cartas, ora elogiando sua dedicação e capacidade intelectual, ora baseando análises filosóficas a partir de suas reflexões¹⁴⁸. Desse modo, considerá-la uma personagem importante na Era do Iluminismo Europeu, não me parece pretensioso, pelo contrário, a meu ver, é uma constatação que merece vir à luz, diante de evidências que corroboram para sua produção e divulgação das Luzes na primeira metade do século XVIII. Sendo assim, o que trataremos de analisar no capítulo seguinte, será no intuito de considerarmos as prováveis razões e possibilidades que permitiram seu esquecimento historiográfico, além de considerarmos os debates em torno da historiografia de gênero e os paradigmas herdados da tradição.

¹⁴⁸ HANKINS, Thomas. L. Jean D'Alembert, *Science and the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. Pag.1-4

Capítulo 3

Sobre o Silenciamento Histórico

3.1. Consagração

A obra que ratificaria Emilie Du Châtelet como *femme savante* e ao mesmo tempo marcaria tragicamente o fim de sua vida, em 1749, foi a tradução comentada do *Principia*, escrito por, Isaac Newton. Até as primeiras décadas do século XX a sua tradução permaneceria como referência na ciência e a única versão completa na língua francesa até os dias atuais¹⁴⁹. Foi inclusive, a versão usada pelo cientista Albert Einstein em 1915 ao elaborar a Teoria da Relatividade¹⁵⁰. De acordo com o historiador da ciência, professor da Universidade de Harvard, Ierome Bernard Cohen (1914-2003)¹⁵¹, a tradução atribuída à Marquesa Du Châtelet seria a única versão que usaria como guia para a sua própria pesquisa e tradução do original em latim¹⁵².

Ao se propor a fazer a tradução para o francês da obra *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*¹⁵³ (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural, 1ª ed. 1687), a Marquesa tencionava aproximar a nova ciência a um público leitor mais amplo, já que a dificuldade imposta pelo latim, acrescido da complexidade dos princípios contidos nos teoremas, contribuía para um número extremamente limitado de pessoas, que de fato, tinham o conhecimento necessário para terem acesso ao conteúdo. Em uma carta escrita ao padre François Jacquier, matemático e professor de filosofia em Roma, a Marquesa justifica o trabalho que tencionava empreender: “...trabalho em uma tradução de Newton, ...deverá ser útil aos franceses porque o latim (de Newton) é para eles uma das dificuldades.”¹⁵⁴ Dessa maneira, a tradução

¹⁴⁹ ZINSSER, Judith (Org.). *Commentary on Newton's Principia, Volume Editor's Introduction In: Selected Philosophical And Scientific Writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. Pag.251

¹⁵⁰ Conjunto de hipóteses que generaliza a relatividade especial e a lei da gravitação universal de Newton, fornecendo uma descrição unificada da gravidade como uma propriedade geométrica do espaço e do tempo, ou espaço-tempo. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_relatividade

¹⁵¹ O professor Bernard Cohen traduziu o *Principia* para o Inglês em 1999.

¹⁵² ZINSSER, Judith (Org.). *Selected Philosophical And Scientific Writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. Pag.251

¹⁵³ NEWTON, Isaac. *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*. London: S.Pepys, 1687. (2a ed.1713, 3a ed.1731)

¹⁵⁴ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. Pag.327

para o francês e o extenso comentário resultante de sua própria análise do sistema newtoniano, permitiriam aos francófonos acesso à ciência newtoniana.

De um lado, a tradução do *Principia* representava um “serviço”¹⁵⁵ que estaria prestando à ciência, tendo em vista a dificuldade de se ler o latim, aliado ao fato, que fora preciso adaptar termos científicos modernos à uma língua com limitações gramaticais para o uso da ciência (tendo em vista que o latim não tem termos para exprimir as verdades matemáticas e físicas da era moderna que faltavam aos antigos), e por outro, provaria de vez ao mundo acadêmico até onde iam seus conhecimentos na ciência.

Ao tentar expor fielmente a descrição do que Newton chamava de “o sistema do mundo”, no qual consistia em produzir explicações matemáticas para descrever a ordem cósmica, os movimentos planetários, a lei da gravitação universal e a ideia do espaço infinito¹⁵⁶, a Marquesa Du Châtelet teve que demonstrar seus conhecimentos nos estudos mais modernos de astronomia e das matemáticas. Além disso, havia se proposto através do trabalho comentado, seguir uma sequência racional, de linguagem simples e clara na tradução dos três livros que compunham o *Principia*, dentro da investigação dos fenômenos percebidos na filosofia natural. Em primeiro lugar, vinha uma explicação do movimento dos astros, derivados das leis de Kepler¹⁵⁷; em segundo, uma formulação matemática para descrever os fenômenos físicos e entender as relações quantitativas expressas na natureza; por último, uma formulação de leis que unificam eventos na Terra e nos astros. Tais leis expressariam a premissa, “onde quer que se encontrem no universo, as massas se atraem de acordo com a mesma lei”.

Considerando isso, podemos perceber a audaciosa missão a que a Marquesa se lançava, ao empreender uma tradução comentada do que seria a espinha dorsal da

¹⁵⁵ Emilie Du Châtelet justifica seu trabalho de tradução “ser útil aos franceses porque o latim de Newton é para eles uma das dificuldades.” (BADINTER, 2003.) Pag.327

¹⁵⁶ OUTRAM, Dorinda. *The Enlightenment*, Cambridge University Press, 3rd edition, 2013. Pag.106

¹⁵⁷ No século XVI, o astrônomo polonês Nicolaus Copernicus trocou a visão tradicional do movimento planetário centrado na Terra por um em que o Sol está no centro e os planetas giram em torno deste em órbitas circulares. Em 1609, Johannes Kepler, descobriu a partir das anotações de Tycho Brahe (1546-1601) que as órbitas planetárias não eram círculos, mas elipses. Kepler descreveu o movimento planetário por três leis: 1a Lei: Cada planeta revolve em torno do Sol em uma órbita elíptica, com o Sol ocupando um dos focos da elipse. 2a Lei: A linha reta que une o Sol ao planeta varre áreas iguais em intervalos de tempo iguais. 3a Lei: Os quadrados dos períodos orbitais dos planetas são proporcionais aos cubos dos semi-eixos maiores das órbitas ($P^2=ka^3$). As leis de Kepler não se aplicam somente aos planetas orbitando o Sol, mas a todos os casos em que um corpo celestial orbita um outro sob a influência da gravitação; luas orbitando planetas, satélites artificiais orbitando a Terra ou outros corpos do sistema solar, e mesmo estrelas orbitando outras estrelas.

Fonte: <http://astro.if.ufrgs.br/Orbit/orbits.htm>

ciência até os dias atuais. Seu comentário se iniciava com uma breve história da astronomia desde os Babilônios até Kepler, acrescentando que Newton teria se beneficiado do conhecimento destes e podido avançar ainda mais em suas deduções¹⁵⁸. Em seguida, fez uma descrição destinada aos peritos em matemática avançada, dos principais aspectos dos três livros que compunham o *Principia*, elaborando explanações detalhadas com as devidas provas derivadas dos teoremas, além de um guia de soluções analíticas para as proposições hipotético-dedutivos dos axiomas usados nas leis dos movimentos dos corpos¹⁵⁹. No sentido de uma melhor compreensão das leis físicas observadas na natureza, que agiriam de igual maneira tanto na queda de uma maçã quanto na trajetória da Lua em torno da Terra, o *Principia* propõe uma exposição sistemática e sintética usando a linguagem da matemática para investigar as forças da natureza e demonstrar seus fenômenos.

A primeira edição que seria lançada postumamente, em 1759, provariam sua habilidade com a matemática e profundo conhecimento das mais complexas controvérsias científicas na física do século XVIII, tais como, a manipulação da matemática avançada para a aplicação nos fenômenos naturais, a comprovação do formato da Terra, a precisão dos equinócios, das marés e das órbitas dos planetas.¹⁶⁰ Não há evidências que expliquem a demora para a primeira publicação da versão francesa do *Principia*, entretanto, a comunidade científica do final da década de 1750, se encontrava em alta expectativa pelas previsões newtonianas sobre o retorno da passagem do cometa Halley (1758), comprovando por fim a tese de Newton em relação à teoria da gravitação universal, quiçá, um indício eficaz para ter sua versão do *Principia* finalmente aceita para publicação. O *Journal Encyclopédique* publicou no ano 1759, um artigo fazendo referência à publicação do *Principia*, o que poderia sugerir uma opinião quanto a demora da publicação,

“...o público tem esperado com impaciência, mas se algumas dificuldades atrasaram a publicação até agora, teria sido somente para contribuir para o momento de triunfo da filosofia que explica e comenta essa obra.”¹⁶¹

¹⁵⁸ ZINSSER, Judith, *Émilie Du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006. Pag.254

¹⁵⁹ Idem. Pag.272

¹⁶⁰ ZINSSER, Judith (Org.). *Selected Philosophical And Scientific Writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009. Pag.252

¹⁶¹ ZINSSER, Judith. *Translating the Principia*. Notes and Records of the Royal Society of London, Vol.55, No.2, Maio, 2001. Pag. 227-245. Link : www.jstor.org/stable/532097 Acesso em: 23/05/2018
“Le publique l’attendoit déjà depuis plusieurs années avec impatience; mais si quelques plus éclatante,

Ainda, na edição de 1779 da *Encyclopédie*, na entrada sobre Newtonianismo, o nome da Marquesa Du Châtelet figurava entre os cientistas que ajudaram a tornar a física de Newton mais fácil de se compreender¹⁶².

Se, por um lado, a Marquesa já havia conquistado o respeito no círculo acadêmico como filósofa e cientista, sendo inclusive eleita como membro na Academia de Ciências de Bolonha em 1746, posição esta, considerada por ela como “uma escolha de encorajamento às pessoas do meu sexo,... a fim de engajá-las a cultivar as ciências das quais o preconceito até então parecia excluí-las e a esperança de um dia se verem admitidas em um corpo ilustre e erudito.”¹⁶³ Vale ressaltar ainda, o fato de ter sido a terceira mulher na Europa a ser eleita numa academia de ciências¹⁶⁴ e única mulher francesa a portar esse título até o século XX. Por outro lado, com a publicação do *Principia*, sua reputação como cientista estava de fato consolidada¹⁶⁵. Não é por acaso que Voltaire escreve no prefácio da obra um “Elogio Histórico” à Marquesa:

“Esta tradução, que os mais talentosos homens da França deveriam ter feito e que os outros devem estudar, uma mulher a empreendeu e terminou, para o espanto e glória de seu país. Gabrielle Émilie [...] é a autora desta tradução que se tornou necessária a todos aqueles que queiram adquirir profundos conhecimentos que o mundo deve ao grande Newton. Era muito para uma mulher conhecer a geometria elementar, que não é nem mesmo uma introdução às verdades sublimes desta obra imortal. Tem-se aí dois prodígios: o primeiro que Newton tenha escrito esta obra; o outro, que uma mulher a tenha traduzido e esclarecido.”¹⁶⁶

en la faisant concourir avec le moment du triomphe de la philosophie qui y est expliquée & commentée.” Journal Encyclopédique, Note 5, pag.4, 1759. Livre tradução. Fonte: www.jstor.org/stable/532097 Acesso em: 23/05/2018

¹⁶² *Encyclopédie, Vol. XXII. Lausanne & Berne: Les Sociétés Typographiques, 1778-1782. Pag.414*
 Fonte: www.jstor.org/stable/532097 Acesso em: 23/05/2018

¹⁶³ CHÂTELET, Emilie Du. *Selected Philosophical And Scientific Writings*. J.Zinsser (Org.).Chicago: The University of Chicago Press, 2009. Pag.206. Livre tradução

¹⁶⁴ ZINSSER, Judith, *Émilie Du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006. Pag.208

¹⁶⁵ *Principes Mathématiques de la Philosophie Naturelle de Newton* traduzido do latim por Madame du Châtelet com *Éloge Historique* de Voltaire. 2 vols. tiveram edições em 1759 e reimpresos em facsimiles nos anos 1966 e 1999. (ZINSSER, 2009; BADINTER, 2003)

¹⁶⁶ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. Pag.329-330

Aqui, fica evidente que Voltaire não só reconhece o fato de uma mulher erudita ter quebrado “tabus” referentes ao seu gênero, como também evidencia o legado que teria deixado à posteridade, ao empreender um trabalho de vulto para o mundo científico. Cabe à nós agora, entendermos como mesmo tendo sido reconhecida por seus contemporâneos, foi aos poucos sendo posta nas sombras do esquecimento quase completo até quase meados do século XX. Também nos resta, buscar os meios historiográficos capazes de conferir uma reintegração pertinente ao seu papel histórico e preencher as lacunas que por muito tempo foram mantidas, talvez propositalmente, fora da opinião pública.

3.2. Des-historização

Quais terão sido as razões que levaram ao esquecimento de quase dois séculos dessa *femme savante*, até que surgisse a primeira biografia de Madame Du Châtelet¹⁶⁷, mesmo depois de redescobertos seus manuscritos no início do século XX pelo historiador Ira O. Wade¹⁶⁸ na Biblioteca Nacional de São Petersburgo? É certo que contribuiu para a disseminação da física newtoniana pela Europa, que de acordo com a história da ciência, teria levado até o final do século XVIII para que as ideias de Newton tivessem aceitação universal.¹⁶⁹ Nas palavras de Badinter¹⁷⁰, “duas razões podem explicar esse esquecimento tenaz que durou quase dois séculos”; primeiro, por ser um campo de interesse restrito à historiadores da ciência ou da filosofia, tendo relevo para pesquisadores da micro-história que surgiria em meados do século XX somente; segundo, porque a Marquesa Du Châtelet não poderia ser vista como “modelo exemplar” às mulheres vitorianas do século XIX. Sua ambição e liberdade intelectuais foram muito aquém do estereótipo do ideal feminino, estando à margem da figura de mãe de família e dona de casa submissas ao universo masculino.

¹⁶⁷ VAILLOT, R. *Madame du Châtelet*. Paris: Albin Michel, 1978.

¹⁶⁸ Em 1941 e 1947 Ira O. Wade publicou dois trabalhos pela Princeton University Press referentes a análises da descoberta dos manuscritos em São Petersburgo. *Voltaire and Madame Du Châtelet: an Essay on the Intellectual Activity at Cirey*, 1941; *Studies on Voltaire with Some Unpublished Papers of Madame Du Châtelet*, 1947

¹⁶⁹ ZINSSER, Judith. *Translating the Principia*. Notes and Records of the Royal Society of London, Vol.55, No.2, Maio, 2001. Pag. 227-245. Link : www.jstor.org/stable/532097 Acesso em: 23/05/2018

¹⁷⁰ BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003. Pag.443

Na narrativa de Eric Hobsbawm, em *Era do Capital*¹⁷¹, o autor estabelece o argumento ligado à moral burguesa, dentro de valores de cultura hegemônicas, que agiriam direcionando padrões morais em relação ao *ethos* dominante da sociedade burguesa vitoriana. De igual modo, fica evidenciado o conceito do “puritanismo sexual” ditando os preceitos de respeitabilidade dentro da conformidade social básica na sociedade do século XIX constituída na família. Ainda na visão de Hobsbawm, qualquer coisa que enfraquecesse a unidade familiar, seria inadmissível, e nada a enfraquecia mais do que a paixão física descontrolada e inadequada, sobretudo no que se referisse ao comportamento da mulher.

O surgimento de um campo ampliado da escrita da história, capaz de quebrar paradigmas tradicionais, como apontado por Peter Burke¹⁷², relata sobre as novas formas de se escrever história, dentro do interesse das atividades humanas, além de se distanciar dos preconceitos associados a um ponto de vista particular. Com efeito, muito se deve ao movimento ligado à revista dos *Annales*, tendo Lucien Febvre e Marc Bloch como articuladores de uma nova abordagem para a renovação de uma “nova história”, mais precisamente, na maneira de se fazer história “dentre as várias abordagens possíveis do passado”, e com isso, de “novos tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como por exemplo, a feminilidade”.

Assim, chegamos ao ponto onde propomos uma análise dos temas que permeiam o silenciamento historiográfico e por onde devemos investigar a recuperação histórica do trabalho à que nos propusemos. Nesse sentido, entender o surgimento da história das mulheres dentro do contexto das últimas décadas se torna importante para estabelecermos os traços gerais que permitirão compreender a relevância de se resgatar a história da mulher objeto desta pesquisa. Para tecer uma narrativa nesse intuito, o artigo de Joan Scott, “*História das Mulheres*”¹⁷³, desvela o processo percorrido pelos movimentos feministas em prol do reconhecimento de participação histórica.

As décadas de 1960-70, viram surgir campos de questionamentos relacionados a vários aspectos da vida das mulheres dentro e fora do contexto político, formando novos campos de estudos que até então se encontravam

¹⁷¹ HOBBSAWM, Eric. *O Mundo Burguês*. In: *Era do Capital, 1848-1875*. Rio: Editora Paz e Terra, 2009. Pag.237

¹⁷² BURKE, Peter. *A escrita da história novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Pag.10

¹⁷³ SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: *A escrita da história novas perspectivas* (Org. Peter Burke). São Paulo: Editora Unesp, 2011. Pag. 65

distanciados dos diálogos intelectuais. Dando sequência à trajetória do movimento feminista, surge nos anos 1980, a história das mulheres como uma campo de estudo de gênero, fora do âmbito político, tendendo para a história especializada. De um lado tem-se a ideia de um resgate da história, com enfoque exclusivo sobre as mulheres, enquanto por outro, percebe-se um viés de despolitização da narrativa com o surgimento de “mais uma disciplina acadêmica”. Na perspectiva de Scott, o estudo histórico da mulher precisa levar em conta a “posição variável da mulher na história, os movimentos feministas e a disciplina da história”, considerando tanto discursos políticos quanto os desafios existentes em como a história é escrita. Em outras palavras, é necessário entender a emergência dos estudos históricos da mulher, como um estudo dinâmico entre a legitimação do discurso feminista, tanto quanto nas práticas da produção do conhecimento relacionados às mulheres.

Para melhor compreendermos os caminhos percorridos pelos movimentos em prol das mulheres, nos voltamos para os movimentos dos direitos civis dos anos 1960 nos Estados Unidos, em busca das práticas de igualdade de direitos. Neste sentido, vemos surgir uma identidade coletiva das mulheres, como entidades com interesses compartilhados e dispostas a enfrentarem os desafios da “subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando controle sobre seus corpos e suas vidas”¹⁷⁴, de modo a ganharem reconhecimento como participantes ativos e iguais na política e na sociedade. Vemos portanto, o surgimento de reivindicações de recursos pondo limites aos preconceitos de gênero ao mesmo tempo que denunciava os abusos de desigualdade. Assim, observamos que os discursos feministas do século XX, exaltavam em grande medida, melhorar as condições das mulheres em sociedade, como também, representar uma entidade coletiva a defender seus direitos que sistematicamente lhe foram negados pelas hierarquias dominantes.

A emergência da história das mulheres se encaixa, desse modo, como um campo de estudo ampliado, surgido em paralelo às campanhas feministas. E ainda, na visão de Scott, a autora aponta para a necessidade da reescrita da história, tendo em vista suas inadequações e desequilíbrios, muitas vezes com discursos insuficientes e incompletos. Por outro lado, sugere que a história das mulheres faz uma modificação na história ao “expor a hierarquia implícita nos relatos

¹⁷⁴ SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: *A escrita da história novas perspectivas* (Org. P.Burke). São Paulo: Editora Unesp, 2011. Pag. 70

históricos”¹⁷⁵ ao mesmo tempo que luta contra padrões consolidados. O discurso feminista que buscava legitimação ao enfatizar o denominador comum do gênero feminino abriu caminho para a emancipação da mulher, como categoria social definida, cuja identidade pressupunha a confirmação de sua realidade, logo, conferindo-lhe uma história própria.

Ao mesmo tempo, colocava em evidência a opressão sofrida e a invisibilidade histórica conferida pela dominação masculina vigente. Esse antagonismo resultante entre os gêneros, mobilizou o discurso da diferença pondo em disputa o elo entre o saber e o poder, revelando os pontos obscuros entre a teoria e a política. Aqui, ficavam evidenciadas as contradições ao se tentar inserir as mulheres na história já estabelecida, necessitando inclusive, corrigir ou mesmo reescrever a história.

Se, como observamos no exemplo da Marquesa Du Châtelet, as mulheres tiveram influência nos acontecimentos históricos e tomavam parte na vida pública para além do âmbito doméstico, o projeto de sua integração tornavam explícitas as discrepâncias encontradas nos discursos onde “o sujeito da história era uma figura universal, e os historiadores que escreviam como se ele fosse, não podiam mais reivindicar estar contando toda a história”¹⁷⁶. Certamente, iniciava então, uma tarefa de difícil solução, exigindo transformações que até então não haviam sido pensadas. Essa mudança, contudo, pressupunha a existência de uma tensão assimétrica com necessidade de “ajustamento de recursos sociais e justiça distributiva para um grupo subordinado”¹⁷⁷, representado como desafio à história estabelecida, deslocando com isso, a mulher como objeto passivo, neutro e universal na escrita da história.

3.3. Quebrando Paradigmas

Através de um panorama geral dos campos de investigação da história, Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas, nos apresentam um cenário sócio-cultural ampliado,

¹⁷⁵ SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: *A escrita da história novas perspectivas* (Org. P.Burke). São Paulo: Editora Unesp, 2011. Pag. 80

¹⁷⁶ SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: *A escrita da história novas perspectivas* (Org. P.Burke). São Paulo: Editora Unesp, 2011. Pag. 88

¹⁷⁷ Idem. Pag.93

na obra “Domínios da História”¹⁷⁸, dando ênfase a dilemas e ao confronto de paradigmas acerca dos debates historiográficos contemporâneos. A posição em que os autores se colocam, confirmam nossa posição ante a necessidade de um revisionismo historiográfico centrado sob a perspectiva predominantemente masculina, trazendo para o campo da produção intelectual a mulher como agente e protagonista na história sócio-cultural. Tal mudança de padrão, preocupada na diversidade de agentes dentro da “alteridade cultural nas sociedades”¹⁷⁹, não deixa de se colocar como ameaça à hegemonia diante da escrita historiográfica, impondo uma transformação no modelo teórico do sujeito que detém o conhecimento e a concepção da “verdade” dentro do escopo do conhecimento parcial “cujo alcance maior ou menor depende do tipo de conhecimento histórico que permite a prática social de cada época ou fase”¹⁸⁰. As palavras de Ciro Flamarion, estabelecem os eixos para orientar uma nova perspectiva das dinâmicas da produção intelectual, em especial, a que nos dedicamos nesta presente obra.

Diante da necessidade de ampliação dos objetos e sujeitos da pesquisa histórica, além, da busca pela reivindicação da legitimação histórica dos “esquecidos ou afastados” da história, torna-se inevitável o confronto com dilemas estruturais das hierarquias sociais e os comportamentos culturais, que de certa forma, filtravam o cerne dos problemas nas relações historiográficas tradicionais. Nesse contexto, o artigo de Rachel Soihet, “A História das Mulheres”¹⁸¹, presente na obra citada acima, faz referência à reviravolta na trajetória marcada por inúmeras diferenças e contradições ligadas a temática dos grupos sociais até então excluídos do interesse historiográfico, como no caso das mulheres. Ao multiplicarem-se os objetos da investigação histórica, e com isso, ampliar o número de seus agentes, a figura da mulher pode enfim, alçar-se à sujeito e agente histórico.

A partir de um novo enfoque, em que a figura da mulher se contrapõe aos papéis de ocupação exclusivamente masculinas, o equilíbrio histórico é colocado em cheque. O surgimento de um campo de estudo nas universidades, resultante dos movimentos sociais feministas nas décadas 1960-70, em busca de reivindicações

¹⁷⁸ FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História, ensaios de teoria e metodologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

¹⁷⁹ Idem. Pag.22

¹⁸⁰ FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História, ensaios de teoria e metodologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. Pag.25

¹⁸¹ SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: Domínios da História, ensaios de teoria e metodologia. (Flamarion,C. e Vainfas,R. Orgs). Cap. 12. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. Pag.399

que respondessem às demandas por maior igualdade de direitos e melhoria nas condições profissionais, expandiram a problemática da diferença para além do âmbito político. As tensões que emergiam como resultante de uma tomada de identidade capaz de mobilizar-se em busca de engajamento social, promoveu espaço para que uma forte demanda de informações pudessem ser processadas e discutidas nos ambientes universitários dedicados aos novos campos de estudos tendo à frente a história das mulheres. Desse modo, resultando numa ampliação dos limites da história, deslocando as mulheres dentro de uma categoria homogênea, para um campo de diferentes contextos e possibilidades múltiplas no escopo sócio-cultural. Essa observação, representa “a derrocada de pressupostos que norteavam as ciências humanas no passado”¹⁸², donde a “corrente historiográfica polarizada para um sujeito humano universal²⁹” ignorava deliberadamente outros integrantes sociais que não apareciam no discurso homogêneo dos acontecimentos políticos e sociais.

Em grande parte, a marginalização da mulher nos estudos históricos se deve em grande parte, ao discurso produzido pela oposição hierarquizada e predominantemente masculina, ao classifica-la de forma passiva e subordinada ao universo patriarcal, “sujeitando-se ao protagonista e agente da história”¹⁸³ por excelência, tendo que com isso viver em função do outro que supunha possuir o “direito” e as ferramentas para ditar as regras. Entretanto, a situação de opressão à que continuamente se via exposta, favorecia a motivação para comportamentos de resistência e mesmo rebeldia, tornando complexa a participação feminina na experiência histórica. Têm-se aí, a necessidade de compreendermos as relações entre os gêneros, estabelecidas pelas categorias de gênero e suas aplicações em sociedade.

Nesse intuito, nos voltamos para a questão de gênero utilizado pelos movimentos feministas do século XX, para diferenciar os atributos baseados no sexo e classificações em sociedade. Desta forma, com o surgimento das mobilizações em prol de reivindicações de gênero, pretendia-se uma releitura de princípios e métodos ao se propor investigar acontecimentos históricos que estivessem atrelados à história das mulheres, e com isso, a possibilidade de se pensar em uma “nova história”. Em última instância, seria preciso reavaliação crítica capaz de inserir a experiência das

¹⁸² SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: Domínios da História, ensaios de teoria e metodologia. (Flamarion, C. e Vainfas, R. Orgs). Cap. 12. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997. Pag. 403

¹⁸³ Idem.

mulheres em sociedade, destruindo parâmetros tradicionais que incorporavam categorias de dominação.

Isso nos traz, ao nosso próximo ponto de consideração referente à “dominação simbólica” analisado por Pierre Bourdieu em, “A Dominação Masculina”¹⁸⁴. Segundo o autor, os estudos que se dedicam a estabelecer as distinções em relação aos gêneros, precisam estar atentos para as construções e práticas das estruturas que permeiam as relações de gênero, a partir de mecanismos históricos responsáveis pela manutenção de comportamentos de diferenciação sexual. Ao investigarmos as razões históricas que contribuíram para o esquecimento gradual do legado da Marquesa Du Châtelet, mesmo tendo sido reconhecida em vida por sua contribuição aos estudos científicos e filosóficos, a análise de Bourdieu assume relevância ao chamar atenção ao fenômeno das “relações de dominação” que se perpetuaram por séculos, ao mesmo tempo que justificavam como “naturais” as maneiras de subjugar o sexo oposto aos seus propósitos e discursos.

Fica evidente assim, traçar um paralelo entre os processos responsáveis pela dominação simbólica e o “silenciamento” historiográfico de histórias que escapavam ao pressuposto almejado daqueles que exerciam influência dominante na sociedade. Ao inferir sobre as pressões sofridas pela Marquesa ao se fazer reconhecida num meio científico predominantemente masculino, não podemos deixar de apontar sua coragem e ambição pessoal, mesmo ciente das dificuldades que enfrentaria num caminho recheado de barreiras impostas ao seu gênero. Nesse sentido, Pierre Bourdieu, aponta para a necessidade de “des-historizações” das estruturas da divisão sexual e suas representações, tentando reverter a relação de “causa e efeito” afirmando que a dominação exercida pelo gênero masculino não seria de ordem biológica, como pressupunha os filósofos e naturalistas do século XVIII, mas sim, uma construção arbitrária fundamentada na divisão sexual. Desta forma, dificilmente seria a tarefa de reinserir na história a presença da mulher como agente, sem primeiramente, desconstruir as variáveis que regularam a “discriminação simbólica” da ordem estabelecida nas relações de dominação masculina e paradoxal do período no qual investigamos.

Como dito anteriormente, tomamos como base o trabalho de R. Vainfas e C. Flamarion, para uma avaliação mais recente da historiografia através da reviravolta na

¹⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.

história nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos, confrontando paradigmas instituídos até recentemente na construção do imaginário Iluminista. Objetivando com isso, estender a perspectiva dos estudos referentes ao século XVIII para além dos cânones clássicos, ao mesmo tempo, abrindo caminho de reflexão para uma nova concepção dos agentes históricos, incluindo aí mulheres que tiveram papel significativo para o Iluminismo.

Aqui, a “reviravolta” é tentar estabelecer um equilíbrio no âmbito da gestação do conhecimento, substituindo a disparidade construída pela historiografia em detrimento ao “esquecimento” voluntário, no caso em particular no qual focamos, o da mulher letrada na primeira metade do século XVIII. Temos portanto, na análise de Bourdieu, indicativo pertinente ao associar a tendência historiográfica, de olvidar certos fatos ou personagens, aos mecanismos de dominação simbólica construídos socialmente e que através do discurso de diferenciação sexual, estabeleceria as regras do jogo a serem obedecidas. Em paralelo a isso, o autor aponta para o “mecanismo de inversão da relação de causas e efeitos”¹⁸⁵ ao descrever a naturalização dessa construção social paradoxal, entre o feminino e o masculino, pelo qual, se estabelece a diferença a partir de determinada visão de mundo segundo a divisão entre os sexos, e que estes estariam constituídos segundo “duas essências sociais hierarquizadas”. Assim sendo, a construção do discurso de diferenciação dos agentes, apoiado pela eficácia de operações simbólicas socialmente construídas, estimulavam práticas pertinentes a cada gênero, “proibindo e desencorajando condutas impróprias, sobretudo na relação com o outro sexo.”¹⁸⁶

A meu ver, podemos supor que o desenvolvimento dessa dominação simbólica, se processa visando instaurar princípios de polivalência ambígua, mediante práticas que beneficiem um grupo social em detrimento a outro, desencorajando e coibindo ações que possam questionar e instabilizar o discurso pela legitimação da dominação intencionada. E para conseguir tal êxito, os meios acabavam por justificar seus fins, como por exemplo, na imposição da postura de submissão das mulheres, como a conferir-lhes mesmo, atributos “naturais” de feminilidade. Tais práticas, objetivavam o cerceamento de suas ações, ao mesmo tempo que se construía uma espécie de “confinamento simbólico” ao limitar-lhes a liberdade, o conhecimento erudito e o próprio reconhecimento de si mesmas como agentes sociais. Assim sendo,

¹⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. Pag.32

¹⁸⁶ Idem. Pag.35

as divisões de ordem social nas relações de dominação e exploração da diferença sexual, estariam circunscritas a um projeto de distinções redutíveis na oposição masculino e feminino.

É possível entender, a partir do enfoque acima, o termo utilizado por Bourdieu ao se referir à “violência simbólica”, na maneira de estruturas sugestivas de visão de mundo agindo como matriz de percepções, pensamentos e das ações dos membros nas sociedades, partindo do ponto de vista do gênero dominante. Do mesmo modo, tais hábitos acabam por se transformar em princípios naturalizados por meio da adesão que o dominado confere ao dominante. A relação de dominação se estabelece por fim, através da incorporação de comportamentos sociais naturalizados e universalmente partilhados por meio de trocas simbólicas, como por exemplo, nas construções das relações sociais familiares, matrimoniais, pedagógicas, “definidos segundo os interesses masculinos, e destinados assim a contribuir para a reprodução do capital simbólico dos homens”¹⁸⁷. Por conseguinte, comportamentos que corroboram para a perpetuação do sentimento de inferioridade da mulher em relação ao homem, bem como, sua exclusão dos assuntos que escapam o domínio delimitado cultural e socialmente, tornam-se fundamentais para a compreensão do silenciamento histórico na historiografia da primeira parte do século XVIII, e em especial, referentes à vida e obra de Émilie Du Châtelet.

A abordagem biográfica da Marquesa Du Châtelet tem portanto, a intenção de fundamentalmente transformar os paradigmas da história de gênero à época do Iluminismo, numa história que inclua a fala da mulher, destruindo parâmetros herdados pela tradição. Através da menção à essa mulher excepcional que se destacou na matemática, ciência e filosofia, na primeira metade do século XVIII, sua biografia permite comprovar sua competência de além de fazer parte da história, estar de fato, incluída nela. Por intermédio das suas principais obras, *Instituições Filosóficas*¹⁸⁸, *Discurso Sobre a Felicidade*¹⁸⁹, o prefácio da sua tradução de *A Fábula das Abelhas*¹⁹⁰ de Bernard Mandeville, o comentário na obra traduzida ao francês do

¹⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. Pag.56

¹⁸⁸ CHATELET, Emilie du. *Institutions de Physique*. Paris: Prault Fils, 1740.

¹⁸⁹ CHATELET, Emilie du. *Discurso Sobre a Felicidade*; Prefácio de Elisabeth Badinter. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

¹⁹⁰ CHATELET, Emilie du. *Selected Philosophical And Scientific Writings*. (Judith Zinsser Org.). Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

Principia Mathematica de Isaac Newton, além das correspondências¹⁹¹ que manteve entre os intelectuais da época, esperamos contribuir para a percepção histórica dessa personagem singular.

Logo, é com essa intenção, descrevermos as práticas de dominação simbólica que teceram a divisão sócio-cultural e imputaram o silenciamento historiográfico, como o aplicado à Marquesa Du Châtelet. A divisão sexual inscrita na segmentação das atividades produtivas, e nesse caso, as voltadas para o campo intelectual, identificadas pelo esquecimento voluntário da autoria das obras que tiveram relevância no campo científico e filosófico atribuídas à Marquesa, se mostram resultantes de sanções associadas ao “mercado de bens simbólicos” pertinentes ao universo masculino. É nessa relação, em que as mulheres excluídas dos lugares públicos, excluídas da erudição, excluídas do direito à igualdade, deduzimos que as ações da Marquesa iam contra as regras estabelecidas pela hierarquia masculina. Tendo portanto, sofrido a represália do silenciamento historiográfico que perdurou por trezentos anos, até que seus manuscritos fossem redescobertos ao acaso no início do século XX na Biblioteca Nacional de São Petersburgo.

3.4. A Reviravolta

A necessidade de se lançar novas luzes sobre acontecimentos do passado e que tenham relevância na história, se torna pertinente com a abordagem de Pierre Bourdieu ao indicar que “é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historicização”¹⁹², onde se percebe as estruturas de dominação de gênero impondo direcionamento tendencioso nos relatos históricos. Vê-se portanto, com o surgimento de uma “história das mulheres”, para além de descrever as condições que marcaram sua existência ao longo do tempo, a emergência como agentes femininos que marcaram o tempo em que viveram e do qual a História não pode prescindir.

Como vimos até aqui, foi preciso grande esforço em superar os obstáculos sócio-culturais para exercer a ambição intelectual no caso da Marquesa Du Châtelet. Também percebemos os mecanismos simbólicos a mediar as estruturas responsáveis

¹⁹¹ BESTERMAN, Theodore. *Les Lettres de la Marquise Du Châtelet*. 2 Vols. Geneva: Institut et Musée Voltaire, 1958.

¹⁹² BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. Pag.100

por exercer influência na dominação de gênero e suas subsequentes características, atribuindo o papel de vetor que impulsionava a escrita historiográfica. Nesse sentido, cabe mencionar as autoras Barbara Taylor e Sarah Knott, ao deixar evidente a dimensão na forma como a historiografia construiu uma narrativa sobre o Iluminismo excluindo o papel da mulher como um de seus interlocutores. Na obra *Women, Gender and Enlightenment*¹⁹³, as imposições sociais às mulheres caracterizavam-se por impor limites às “aspirações ao exercício do raciocínio feminino”¹⁹⁴, vistos como controversas e infundáveis. Mesmo assim, as autoras chamam a atenção para o fato de que as mulheres “ousaram saber”, muito antes que Kant formulasse sua famosa frase que sintetizaria o período iluminista (*Sapere Oude*).

No caso particular da Marquesa Du Châtelet, podemos situá-la como produtora e propagadora do conhecimento e em seguida como agente e filósofa do Iluminismo. Várias foram as publicações enaltecendo e atestando a competência da Marquesa nas áreas científicas e filosóficas entre seus contemporâneos. Como visto em, jornais e revistas acadêmicas da época¹⁹⁵. Contudo, ao investigarmos as referências genéricas relacionados à sua pessoa nos dias atuais, nos defrontamos com caracterizações limitantes à sua pessoa, encontrados por exemplo, na ferramenta enciclopédica “Larousse”¹⁹⁶ ao relacionar seus atributos intelectuais intrínsecos à *liaison*¹⁹⁷ que teve com o famoso poeta francês, ficando evidente a posição claramente tendenciosa e partidária na classificação de gênero que persiste até hoje, atribuindo o sucesso da mulher estando necessariamente vinculado ao gênero masculino.

No entanto, é possível observarmos movimentos no esforço de lançar luz nas lacunas que a história por muito tempo procurou olvidar, como no colóquio ocorrido

¹⁹³ TAYLOR, Barbara; KNOTT, Sarah (Orgs). *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

¹⁹⁴ Idem, Cap. 1, p.3.

¹⁹⁵ Buscar em anexos para as referidas publicacoes.

¹⁹⁶ *Émilie Le Tonnelier de Breteuil, marquise Du Châtelet; Femme de lettres et de sciences française (Paris 1706-Lunéville 1749). Elle accueillit Voltaire dans son château de Cirey. Elle a notamment laissé un Discours sur le bonheur (vers 1746); Femme de lettres et de sciences française. Elle noue en 1733; une liaison affective et intellectuelle avec Voltaire, qu'elle accueille dans son château de Cirey. Auteur d'Institutions de physique (1740), d'une Dissertation sur la nature et la propagation du feu (1744), elle laisse aussi un Discours sur le bonheur (vers 1746) exaltant l'« étude » tout en évoquant l'amour. En 1748, elle s'éprend du poète Saint-Lambert et meurt avant de finir sa traduction des Principes mathématiques de Newton. Cet article est extrait de l'ouvrage Larousse « Dictionnaire mondial des littératures ».* Fonte: http://www.larousse.fr/encyclopedie/litterature/Du_Ch%C3%A2telet/172358; Último acesso: 22/05/2018.

¹⁹⁷ *Liaison*– Termo em francês para descrever um vínculo de comunicação entre duas pessoas, podendo ser indicativo de caso amoroso extraconjugal.

Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles> Último acesso 05/06/2018

pelo tricentenário voltado à vida e obra da Marquesa, em 2006, na Biblioteca Nacional da França, no intuito de:

“...apresentar a Marquesa, esta mulher excepcional, em uma conferência de rica complexidade. A historiografia, a análise psicológica e a bibliografia cronológica completam as contribuições destinadas a tornar mais conhecidos a epistolária, a filósofa, a musicista, a leitora, a gramática, a tradutora, a matemática, a cientista....”¹⁹⁸

Nas palavras acima, o verbete resume com eloquência as condições que conferiram a genialidade de Émilie Du Châtelet e garantiram sua participação no meio acadêmico e intelectual de sua época.

Antes de encerrarmos o capítulo, voltamos aos questionamentos que nos impulsionaram no início dessa pesquisa investigativa e do qual permitiu nos convencer da importância de resgatar das dobras do tempo, uma personagem de grande significação para a idade moderna. Também, seria correto afirmar, pela evidências comprovadas, que tal personalidade merece a distinção de ser lembrada, tendo em vista, o papel significativo que representou no século XVIII. Considerando o percurso intelectual pouco ortodoxo que marcou sua vida, adicionados à isso, as conquistas que alcançou, e indagamos das razões que teriam levado ao seu esquecimento, a não ser quando, para ser lembrada como a amante de Voltaire. Isso, nos leva a supor uma possível atuação da historiografia, no esforço de tentar distorcer sua memória de modo a “diminuir” sua capacidade intelectual, recolocando-a assim, no lugar segundo o qual, acreditavam que lhe cabia e dentro de um mundo circunscrito aos preceitos idealmente concebidos pelo gênero masculino.

Ao aprofundarmos nosso conhecimento nos costumes e tradições que moldaram seu tempo e os que se passaram após sua morte, percebemos os mecanismos de dominação simbólica vigentes que corroboraram para a negação da intelectualidade feminina por todos esses anos. O que nos leva, voltarmos para as reflexões de Judith Zinsser (2006, Epílogo), ao reconhecer as tensões existentes na construção historiográfica, ao mesmo tempo que indica a necessidade para revisões

¹⁹⁸ Tradução livre do verbete referente ao Coloquio de 2006: *“Emilie Du Châtelet, éclairages et documents nouveau”- “présenter la marquise, cette femme exceptionnelle, dans un colloque de sa riche complexité. Historiographie, analyse psychologique et bibliographie chronologique complètent les contributions destinées à mieux faire connaître l’épistolière, la philosophe, la musicienne, la lectrice, la grammairienne, la traductrice, la mathématicienne.”*

Fonte : www.bnf.fr/documents/dp_chatelet.pdf Último acesso: 05/06/2018

nas pesquisas acadêmicas atuais, ao se empenharem no “retorno” da memória da Marquesa Du Châtelet, devolvendo-lhe o lugar a que tem direito na história da ciência, da filosofia e da literatura do século XVIII. Por fim, nos resta salientar que ao suplantarem os obstáculos impostos à educação feminina, a Marquesa pôde mostrar sua determinação e coragem para enfrentar os limites impostos ao seu gênero e com isso, confirmar sua singularidade. Podemos, portanto, conceber os interesses políticos e sociais que entrariam em desequilíbrio caso a narrativa tradicional da historiografia intelectual do século XVIII tivesse revogado suas prerrogativas em favor da Marquesa, ou de maneira geral, a favor do gênero feminino, como uma honrosa participante da República das Letras e membro pertencente ao universo científico europeu.

Conclusão

Nesse trabalho, pudemos analisar o ambiente sócio-intelectual que girava em torno da Marquesa Du Châtelet na primeira metade do século XVIII, assim como, perceber a questão de gênero enquanto um debate atrelado a contradições e desafios que ainda hoje, carecem estabelecer as prerrogativas necessárias para sua legitimação social e historiográfica. No caso particular da mulher, percebemos a complexidade na caracterização conceitual do gênero feminino, quando atrelado à concepção de sua natureza e atributos, tais como, a virtude e a capacidade.

Citamos, Dourinda Outram (2013), ao referir-se à mulher na época do Iluminismo, “sendo definidas com intelectualidade inferior aos homens e incapazes de exercer autoridade social e política, que implicitamente reivindicavam pelo ato da escrita”¹⁹⁹, levando desse modo, a investidas muitas vezes repressivas e desonrosas como manobra de silenciamento. Todavia, a autora Judith Zinsser (2009), ao fazer menção ao se referir sobre “as outras vozes do Iluminismo”, consideramos primordial lançarmos luz sobre as personalidades femininas que tiveram “voz” e que por muito tempo estiveram “silenciadas” por uma imposição que também, consideramos esteja em tempo de rescindir.

Sendo assim, salientamos as omissões outorgando autoria à Marquesa Du Châtelet em doze entradas de verbetes nas edições entre, 1756 à 1780, na *Encyclopedie*, organizados por Diderot e D’Alembert, segundo o qual, de acordo com pesquisadores mencionados no programa de recuperação da história de mulheres cientistas e filósofas da era moderna, *Project Vox*²⁰⁰, foram extraídos diferentes trechos das obras da Marquesa Du Châtelet²⁰¹ e utilizadas como definições para as entradas dos conceitos sobre Espaço, Hipótese, Movimento, Tempo, Newtonianismo²⁰², entre outros.

¹⁹⁹ OUTRAM, Dorinda. *The Enlightenment*, Cambridge University Press, 3rd edition, 2013. Pag.93

²⁰⁰ *Project Vox* consiste numa ferramenta online criado em parceria com a Duke University em 2015, tendo como objetivo fomentar a pesquisa e o ensino de novas leituras na história da ciência e filosofia, à partir de mulheres que tiveram relevância na era moderna. Fonte: <http://projectvox.org/about-the-project/> Último acesso: 11/06/2018

²⁰¹ Os enciclopedistas extraíram diferentes trechos do *Institutions des Physiques* para as definições nos diferentes conceitos das edições da *Encyclopedie*. Fonte: <http://projectvox.library.duke.edu/du-chatelet-1706-1749/> Último acesso: 12/06/2018.

²⁰² Ver anexo (imagem Vox)

Curiosamente, na obra de Samia I. Spencer²⁰³, a autora aponta para o fato de apenas duas mulheres serem reconhecidas como colaboradoras na Enciclopédia, sendo que apenas um nome é conhecido, o de Mme de Delusse, a outra presume-se seja a Marquesa de Jaucourt. Por tanto, conclui-se que houve participação feminina na elaboração da obra Enciclopédica, mas tendo em vista as práticas de dominação simbólica orientando a produção intelectual do século XVIII, como abordado por Pierre Bourdieu, os nomes dessas mulheres não deveriam e de fato, não puderam aparecer. Spencer ressalta as condições precárias da educação dedicada às mulheres, não permitindo que elas pudessem desenvolver seu intelecto e, ao mesmo tempo, aponta para o fato dos enciclopedistas usarem, mesmo que de forma acanhada ou clandestina, o fruto desses “homens imperfeitos”(referindo-se às mulheres²⁰⁴). Essa ideia, por mais obtusa que nos pareça, já havia sido utilizada ao comparar a Marquesa Du Châtelet em diferentes ocasiões. Voltaire, ao tentar qualificar seu engenho, diria sobre sua musa: “aquela dama a quem considero um grande homem...” e “Eu lhe indico, Mme Du Châtelet e César, ambos são grandes homens.”²⁰⁵ Discurso típico mostrando que para a mulher ser valorizada ela deve emular as características masculinas.

Quando a Marquesa escreveu o livreto intitulado “Discurso sobre a Felicidade”²⁰⁶, ela buscou analisar a sabedoria como fruto do amadurecimento natural, aliado à realização direcionada ao bem estar pessoal. Sua filosofia sobre o comportamento humano em busca da felicidade, especialmente dedicado às mulheres, sugeria que era necessário “estar firmemente determinado com respeito ao que se quer e ao que se quer fazer, ...é a condição sem a qual não existe felicidade”²⁰⁷. Estabelece, assim, a partir de sua própria experiência, que a sensatez contribui contra as ilusões, mesmo que estas sejam parte imprescindível da vida humana; além disso, sugere que não se deve prender à remorsos pelos erros cometidos, com o pessimismo ou com preocupações com o futuro distante.

²⁰³ SPENCER, Samia I. *Women and the Encyclopedie*. In: *French Women and the Age of Enlightenment*. Indiana: Indiana University Press, 1984. Pag.259

²⁰⁴ SPENCER, Samia I. *Women and the Encyclopedie*. In: *French Women and the Age of Enlightenment*. Indiana: Indiana University Press, 1984. Pag.262. Citação de Berthez, ao falar da mulher como “*un home manqué*” (um homem imperfeito)

²⁰⁵ Idem. Pag.150 “that lady whom I look upon as a great man...” e “I recommend to you Mme du Châtelet and Cesar, they are two great men.”

²⁰⁶ CHÂTELET, Emilie du. *Discurso Sobre a Felicidade* (1746-1747). Prefácio de Elisabeth Badinter. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

²⁰⁷ Idem. Pag. 17

Também, diz que dos erros, devemos “arrancar o fruto que se possa alcançar, substituir as ideias tristes pelas agradáveis”.

Através de sua reflexão, a Marquesa nos apresenta o que considera ser o caminho para quem busca a felicidade: “Para ser feliz, é preciso desfazer-se dos preconceitos, ser virtuoso, gozar de boa saúde, ser suscetível de ilusões”. Nessa abordagem mediante a razão e sensibilidade feminina, a felicidade é pensada como uma conquista possível ainda na vida presente e não *post mortem*, como apregoava as diretrizes religiosas da época; e propõe o caminho de sujeitar as vontades e os desejos ao domínio da razão. Diz-nos ainda:

“Fazemo-nos uma justiça exata, e, quanto mais podemos dar mostras de que cumprimos nossos deveres, que fizemos todo o bem possível, enfim, que somos virtuosos, mais saborearemos essa satisfação interior que podemos chamar de saúde da alma.”²⁰⁸

Segundo essa filosofia, ao propor um modo para se alcançar a felicidade, sugere que se deva agir de forma racional sobre as próprias paixões, “onde a sensatez prevaleça, e fazê-las servir à nosso propósito”. De todas as paixões, assegura que o amor pelo estudo deve ser a que mais contribui para a felicidade e a que inevitavelmente leva à glória. Nesse momento, a Marquesa aponta para a injustiça vivida pelas mulheres, por se verem impedidas da fruição dos estudos:

“É certo que o amor pelo estudo é menos necessário à felicidade dos homens que das mulheres. Os homens tem uma infinidade de recursos que faltam inteiramente às mulheres, para serem felizes. Eles tem muitos outros meios de chegar à glória; as mulheres, porém, são excluídas por sua condição de qualquer espécie de glória, e quando, por acaso, se encontra alguma que nasceu com uma alma elevada, só lhe resta o estudo para consolá-la de todas as exclusões e de todas as dependências às quais ela se encontra condenada por condição.”²⁰⁹

²⁰⁸ CHÂTELET, Émilie. *Discurso Sobre a Felicidade*; Prefácio de Elisabeth Badinter. São Paulo: Martins Fontes, 2002

²⁰⁹ CHÂTELET, Emilie du. *Prefácio de A Fábula das Abelhas*. In: *Selected Philosophical And Scientific Writings*. (Judith Zinsser Org.). Chicago: The University of Chicago Press, 2009. Pag. 49. Livre tradução.

Outra indicação que nos leva a considerar que a Marquesa se dedicou a pensar a situação das mulheres de seu tempo, está no prefácio que escreveu para a tradução de, “A fábula das Abelhas”, ao indagar sobre a falta da educação voltada para a mulher. Ao desabafar sobre o preconceito sofrido pela exclusão das mulheres nas ciências, chama atenção para o fato de nenhuma grande obra, tragédia, poema, história, pintura, ter sido produzida por uma mulher. E indaga, porque “essas criaturas que a compreensão parece ser igual a dos homens, parecem, ser impedidas de atuar por uma força invencível desse lado da barreira?...que alguém possa me dar uma explicação, caso haja explicação?”²¹⁰ Com isso, deixa claro que se coloca contra tamanha insensatez e faz um protesto. Declara, em seguida:

“Quanto a mim, confesso que se fosse rei, eu faria um experimento científico. Eu reformaria uma violência que nos exclui de metade da humanidade, por assim dizer. Eu permitiria às mulheres participarem em todos os direitos da humanidade, e principalmente os do pensamento. Esse novo sistema de educação que proponho, seria em todos os aspectos muito benéfico para a humanidade. As mulheres se tornariam seres mais valiosas, os homens ganhariam assim, novo estímulo e nossas trocas sociais, ao refinar o espírito feminino, que no passado teriam permanecido enfraquecidos e restringidos, poderiam doravante servir para multiplicar seu conhecimento.”²¹¹

A Marquesa expressa dessa forma, uma crítica à sociedade de sua época e propõe reformas na educação, caso estivesse na condição de exercer o poder. Ampliaria o ensino incluindo a mulher, deixando de ser assim, campo de exclusividade masculina. Essa opinião demonstra um pensamento moderno quando consideramos os debates de gênero que impulsionaram a esfera pública muito depois de sua época. Seu pensamento vai ainda além, ao comentar a ausência de gênios femininos: “Estou persuadida de que muitas mulheres ou ignoram seus talentos, pelos vícios de sua educação, ou os enterram por preconceito e falta de coragem em seu espírito.”²¹² Segundo a Marquesa a hierarquia masculina, só seria combatida por meio do estudo, garantindo assim, a independência e a felicidade da mulher.

²¹⁰ CHÂTELET, Emilie du. *Prefácio de A Fábula das Abelhas*. In: *Selected Philosophical And Scientific Writings*. (Judith Zinsser Org.). Chicago: The University of Chicago Press, 2009. Pag. 48

²¹¹ Idem. Livre tradução

²¹² Idem. Livre tradução

Em carta à Frederico, rei da Prússia, ela escreve em termos de igualdade intelectual e determinação incomum:

“Julgue-me por meus próprios méritos, ou falta destes, mas não me veja como mero suplemento a esse sábio acadêmico (Leibniz), ou por aquilo que sou, pelo meu direito de ser uma pessoa inteira, responsável por mim mesma, por tudo que sou, por tudo que falo, por tudo que faço. Pode ser que hajam metafísicos e filósofos cujo saber seja maior que o meu, ainda que eu não os conheça. Ainda assim, são também, humanos frágeis, e tem suas próprias imperfeições; então, quando somo o total de minhas bênçãos, confesso, que não sou inferior a ninguém.”²¹³

Concluimos, portanto, deixando aqui nossas últimas reflexões acerca dessa mulher extraordinária, como sendo um modelo de personalidade, talento e perseverança notáveis. Uma, dentre os diversos integrantes da República das Letras; uma, dentre os muitos *philosophes* do Iluminismo francês do Século XVIII; uma, dentre os muitos cientistas que impactaram a posteridade com seus trabalhos e pesquisas. Mas, ainda assim, uma mulher acima de tudo, que nos deixa seu exemplo, de que a coragem e a persistência são imprescindíveis para realizarmos nossos sonhos, sem que os obstáculos que sempre existiram e, poderão continuar existindo, mesmo que sob diferentes formas, nos impeçam de alcançarmos nossos objetivos.

Reconhecer esta personalidade como uma *philosophe* iluminista e incluí-la dentre os cânones consagrados da época das luzes, e que marcaram a era moderna, nos permite constatar que a Marquesa contribuiu significativamente para o desenvolvimento da ciência e filosofia moderna. Sendo assim, permitir o acesso a esse conhecimento, tanto em sociedade quanto no meio acadêmico, possibilitaria ampliarmos nosso entendimento no campo do saber, ao mesmo tempo, constatarmos a

²¹³ HAGENGRUBER, Ruth. *Emilie du Châtelet, between Leibniz and Newton*. Germany: Springer, 2012. Pag.2. “Judge for my own merits, or lack of them, but do not look upon me as a mere appendage to this great renowned scholar or that, that I am in my own right a whole person, responsible to myself alone for all that I am, all that I say, all that I do. It may be that there are metaphysicians and philosophers whose learning is greater than mine, although I have not met them. Yet, they are but frail humans, too, and have their own faults; so, when I add the sum total of my graces, I confess that I am inferior to no one.” Livre tradução. Fonte: <http://womeninscience.history.msu.edu/Biography/C-4A-0/marquise-du-chtelet/> Último acesso: 01/05/2018.

necessidade de expandir o círculo dos nomes notáveis, tanto de “grande homens”, quanto de “grande mulheres”, que fazem parte da História e merecem ser lembrados.

Sabemos que mudar narrativas fundamentadas na tradição, não é tarefa de simples resolução, mas pretendemos com essa pesquisa, dar um pontapé inicial no que poderá se tornar num movimento mais amplo e de profundas transformações para o campo do conhecimento histórico. Envisionamos, que algum dia, estejam presentes nos currículos acadêmicos, os nomes das mulheres que desempenharam papéis importantes no desenvolvimento e propagação do conhecimento filosófico e científico na história. Da mesma forma, acreditamos que alunos e professores se beneficiariam igualmente ao incorporarem esse conteúdo às suas pesquisas e currículos de curso.

Anexo:

Publicações de revistas e jornais científicos que fazem referência à Marquesa Du Châtelet ou que publicaram suas obras:

-*Journal de Trévoux: ou, Mémoires pour servir à l'histoire des sciences et des arts.* Paris: Chaubert. 1731-May, p.3134-3135; 1741 August, p. 1381-1402, May, p.894-927, June, p.1073-1101 ; 1746 September, p.1848-1850. Also known as *Mémoires pour l'Histoire des Sciences & des beaux-Arts* or the *Mémoires de Trévoux*, this was an influential publication printed by the Jesuits on a monthly basis in France (1701-1782). The journal published critical reviews of scholarship. Note: Contains notification of Du Châtelet's and Voltaire's entries in the 1738 Académie competition on the Nature of Fire; Contains discussion of, and excerpts from, Mairan's letter in reply to Du Châtelet's criticism of his views in the 1740 edition of her *Institutions*; and then on pages 1390-1402, we find discussion of, and excerpts from, her retort. This discussion openly notes that the person in question is in fact Du Châtelet. The 1740 edition of her *Institutions* was published anonymously. The article discusses each chapter of *Institutions* in the London edition of 1741; it is a very long book review. It begins by praising the anonymous author of this work for the finesse and style of the writing, noting that these are rare qualities. It is concerned with the ideas of Descartes and Newton, but it also discusses the ideas of Leibniz, who is still little known in France. The author deals well with Descartes, noting that just as it is unfair for the Cartesians to regard "attraction" as a mere hypothesis, it is unfair for the Newtonians to regard it as a property of matter. This author believes that hypotheses are necessary in "physique"—they seem to think that she has a subtle view of this issue. (Fonte: HathiTrust <https://projectvox.org/du-chatelet-1706-1749/>)

-*Journal des Sçavans.* Paris: Chaubert. 1740- December- p. 737-755; December: p. 2143-2198; 1741- Janvier-Avril. March: p. 291-331, March, p. 135-153, March: p. 399-456, Mai – Aout. May: p. 65-107. Later renamed *Journal des Savants*, this journal was one of the earliest and most influential academic journals published in early modern Europe – it first appeared in 1665 and is still published today. In the 1700s, the journal was published in two editions, in Paris and Amsterdam. The two locations had different pagination and did not always include the same content each month. Importantly, the journal published an extensive two-part review of Du Châtelet's *Institutions de Physique* in both its editions. The reviews appeared at different times in the two editions, first in Paris and then in Amsterdam. Fonte: Gallica, <https://projectvox.org/du-chatelet-1706-1749/>)

-Göttingische Zeitungen von gelehrten Sachen. Göttingen: Im Verlag der privilegierten Universitäts Buchhandlung, 1739- 31 August : p. 611 & 883-884; 1741- 6 April: p. 233; 1742- 29 January: p. 66-68; The journal is the oldest still published academic journal in German scholarship. It first appeared in 1739 and is published today under the name *Göttingischen Gelehrten Anzeigen*. The journal published notices and articles discussing Du Châtelet's essay on fire and her *Institutions*. Note: Discusses the prize essay on fire by the Académie, noting that Euler won the prize, and that there are other essays in the book, including one by a Cartesian—a follower of Malebranche in fact—named P. Lozeran de Fese and another by someone else. Then there are two more essays: the first is by “Marquise du Châtelet,” and the other is by “Herrn Voltaire.” It says that they already discussed her essay on page 611. And on page 611, from 31 August 1739, in the same periodical, it says that the “Marquise du Châtelet” wrote an essay founded on the concepts of Newton, s'Gravesande and Boerhaave. Discusses the *Institutions de Physique*, attributing it to Madame Du Châtelet, noting that the society of booksellers in Amsterdam brought out a new edition. But first it notes that Voltaire published an essay in the 72nd part of the *Bibliothèque raisonnée* entitled “*Exposition du livre institutions de physique, dans laquelle on examine les idées de Leibnitz.*” (Fonte: University of Göttingen digital, <https://projectvox.org/du-chatelet-1706-1749/>)

-Observations sue les écrits modernes. Paris: Chaubert, 1739. Article CCLXIII. July: pp. 169-188. Note: Pierre Desfontaines's critical review of Du Châtelet's essay on fire. HathiTrust is missing a page. The PDF is a scan of the Slatkine reprint held by Duke University Library. Geneva, 1968, vol. 3, pg. 138-143. (Fonte: HathiTrust link, <https://projectvox.org/du-chatelet-1706-1749/>)

-Brucker, Johann Jakob. 1745. Bilder-Sal heutiges Tages lebender und durch Gelahrtheit berühmter Schriftsteller. Vol. 4. Augsburg: Hais. Note: Du Châtelet was included in the 4th volume of the “Portrait Gallery of Contemporary Authors Famous for their Learning.” She was one of four women among a total of one hundred scholars believed to represent the best of Europe's savants (intellectuals). The great mathematician Johann Bernoulli acted as the agent for the editor and Voltaire contributed a short account of her life. (Fonte: Österreichische Nationalbibliothek, <https://projectvox.org/du-chatelet-1706-1749/>)

-Le journal universel, ou mémoires pour servir à l'histoire politique civile, ecclésiastique & littéraire du XVIII. siècle. Utrecht: Lobedanius, 1746. Tôme X. August: pp. 411-421. Note: Article on the subject of women scholars. It praises Du Châtelet's scholarship and her election to the Bologna Academy of Sciences, pp. 417-421. (Fonte: Bayerische Staatsbibliothek link, <https://projectvox.org/du-chatelet-1706-1749/>)

Imagens:



Figura 1. Gabrielle Émilie le Tonnelier de Breteuil, marquise Du Châtelet, Bnf, Arsenal
<http://projectvox.org/images/>



Figura 2. Gabrielle-Emilie Le Tonnelier de Breteuil, marquise Du Châtelet.
Collection Château de Breteuil, <http://projectvox.org/images/>



Figura 3. Émilie le Tonnelier de Breteuil, Marquise Du Châtelet-Lomont, Collection Château de Breteuil, Project Vox. <http://projectvox.org/images/>

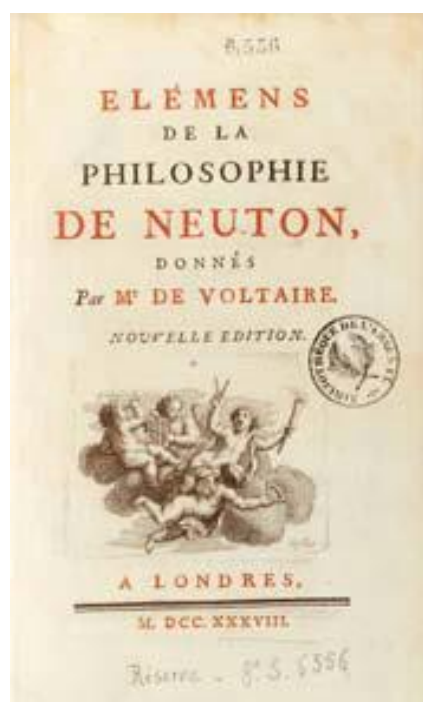


Figura 4. "Elémens de la philosophie de Neuton", donnés par Monsieur de Voltaire, 1738, BnF,

Arsenal. <http://projectvox.org/images/>

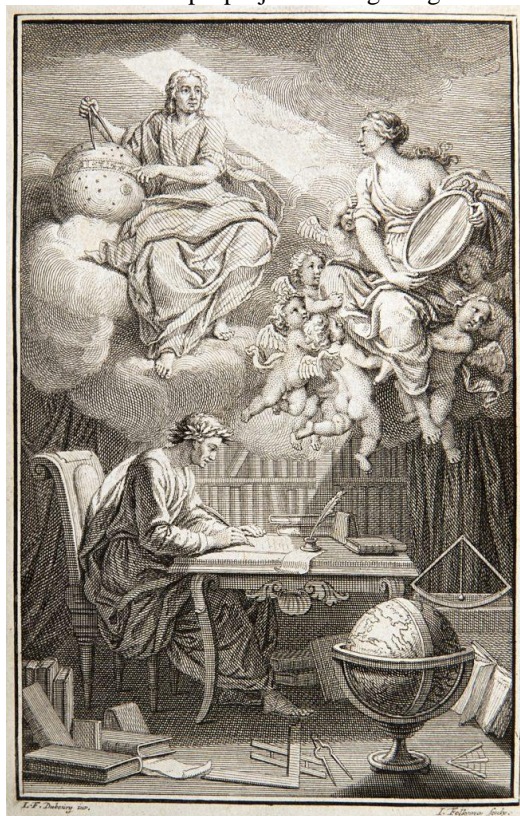


Figura 5. Frontispiece to Voltaire's "Elémens de la Philosophie de Neuton", (Amsterdam, 1738) The frontispiece depicts Du Châtelet holding a mirror to reflect the light from Newton down to the author Voltaire, thus contributing to her reputation as an expositor of Newton. <http://projectvox.org/images/>

534 JOURNAL DES SÇAVANS;

LETTRE SUR LES ELEMENS DE LA PHILOSOPHIE DE
NEWTON.*

J'AI attendu, Monsieur, à vous rendre compte du Livre de M. de Voltaire, qu'il en parût une Edition un peu plus digne de l'Auteur & de l'Ouvrage; car il étoit presque impossible, & il eût été même très-injuste d'en juger par l'Edition d'Hollande, pleine de fautes qui font souvent des contresens.

Ce Livre perdrait trop dans un Extrait: c'est dans M. de V. qu'il faut lire M. V.

Ainsi je me bornerai à vous dire mon sentiment sur quelques endroits de ce Livre, puisque vous l'exigez.

Il semble qu'il ne manquât à la gloire de M. Newton que d'être plus connu. La plus grande partie du monde sçavant lui avoit rendu depuis long-tems ses hommages; mais sa Philosophie hérissée de calculs & d'algèbre, étoit une espèce de mystère auquel les seuls initiés avoient droit de participer; & M. de Pemberton qui a voulu rendre Newton accessible au commun des Lecteurs en Angleterre, est souvent aussi difficile à entendre que Newton même. Cette espèce de miracle étoit réservée à M. de V. La Philosophie Newtonienne, la seule digne d'être étudiée, parce qu'elle est la seule prouvée, mise par lui, non pas à la portée de tout le monde, comme les Libraires Hollandois l'annonçoient, mais à la

portée de tout Lecteur raisonnable & attentif, va nous découvrir un nouvel Univers.

Il me paroît qu'il y auroit eu plus d'ordre dans le Livre de M. de V. s'il l'avoit divisé en deux parties; car les 4 premiers Chapitres n'ont aucun rapport avec les douze derniers, si ce n'est que les uns & les autres roulent sur les découvertes de M. Newton.

J'aurois souhaité aussi que l'Auteur, ou plutôt les Libraires eussent placé dans le corps de l'Ouvrage les augmentations qui sont à la tête de cette nouvelle Edition. Il me paroît que le Lecteur est un peu étonné de se trouver tout d'un coup dans la question la plus difficile de l'optique, pour la solution de laquelle il ne faut pas moins que la Métaphysique la plus recherchée. D'ailleurs c'est toujours en lisant une espèce de travail de rapport ces éclaircissements aux endroits pour lesquels ils sont véritablement des éclaircissements. Il me semble au reste qu'il ne manque rien à ces augmentations que d'être à leur véritable place.

J'ai vu plusieurs personnes faire un crime à M. de V. de ces paroles par lesquelles son Livre commen-

* Cet Ecrit, qui est une espèce d'Extrait du Livre de M. de Voltaire, nous a été envoyé pour être inséré dans ce Journal; & nous avons cru qu'on l'y verroit avec plaisir.

Figura 6. Du Châtelet, Émilie. 1738. "Lettre sur les Eléments de la Philosophie de Newton. Journal des Sçavans. September, pp. 534–541 (Paris edition). <http://projectvox.org/images/>



Figura 7. « Elémens de la philosophie de Neuton », Voltaire, 1738, BnF, Arsenal
<http://projectvox.org/images/>

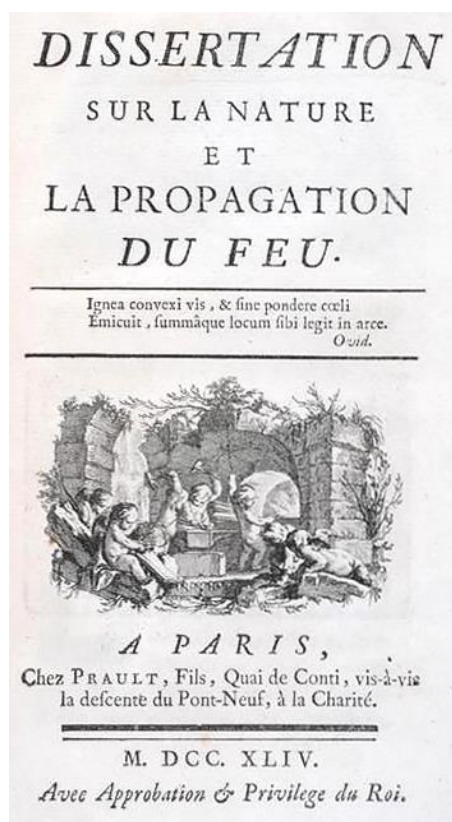


Figura 8. Du Châtelet, Émilie. 1744. "Dissertation sur la nature et la propagation du feu". Paris: Chez
 Prault, fils. Bnf, Arsenal. <http://projectvox.org/images/>



Figura 9. Mme Du Châtelet com o matemático, Francesco Algarotti, Fontispício de *Il Newtonianismo per la dame*, F. Algarotti: Napoles, 1737. Bnf, Arsenal. <http://projectvox.org/images/>



Figura 10. Du Châtelet, Émilie. 1743. Der Frau Marquisinn von Chastellet Naturlehre an Ihren Sohn. Halle und Leipzig: Renger. <http://projectvox.org/>

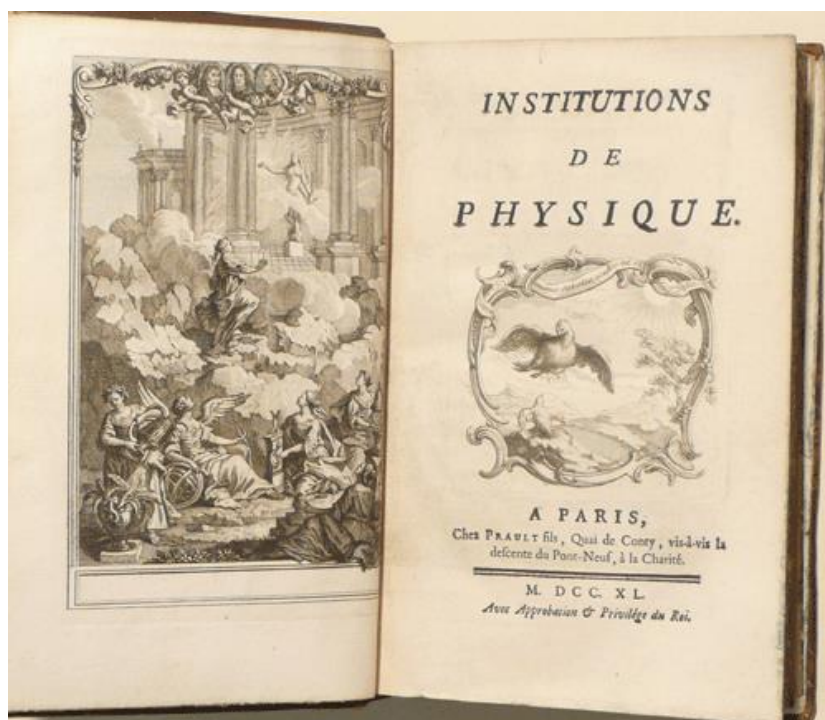


Figura 11. Du Châtelet, Émilie. 1742. “Institutions Physiques De Madame La Marquise Du Chastellet adressées à Mr. son Fils”. Tome premier. Amsterdam: Aux depens de la compagnie. Bnf, Arsenal.
<http://projectvox.org/images/>

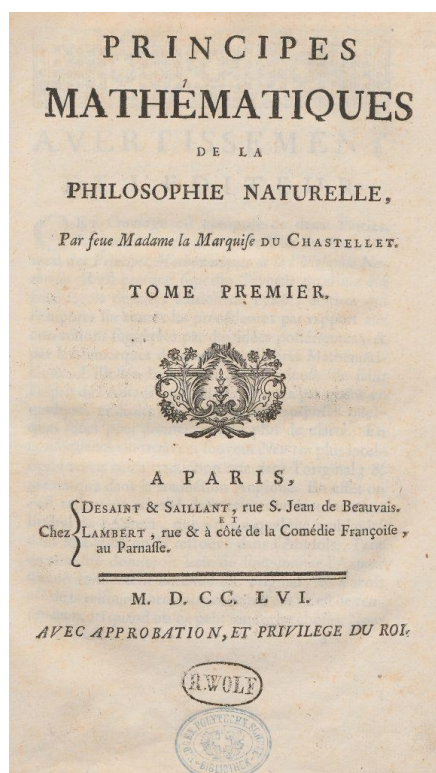


Figura 12. Madame la Marquise Du Châtelet,, “Principes Mathématiques de la philosophie naturelle”, tome premier, Paris: Chez Desaint & Saillant, 1759, BnF, Arsenal <http://projectvox.org/images/>

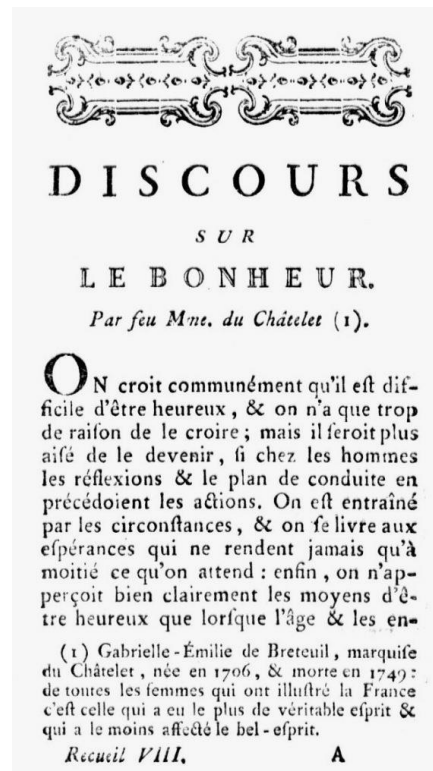


Figura 13. Du Châtelet, Émilie. 1779. "Discours sur le Bonheur." In Huitième Recueil philosophique et littéraire de la Société Typographique de Bouillon. Tome 8, pp. 1-78. Bouillon: Société Typographique de Bouillon. Bnf, Arsenal. <http://projectvox.org/images/>



Figura 14. Le Château de Cirey, Lithographie par Deroy d'après Ricois,, BnF, département des Estampes et de la photographie, Bnf, Arsenal. <http://projectvox.org/images/>

ENCYCLOPÉDIE,
 O Û
DICTIONNAIRE RAISONNÉ
DES SCIENCES,
DES ARTS ET DES MÉTIERS,
PAR UNE SOCIÉTÉ DE GENS DE LETTRES.
 MIS EN ORDRE ET PUBLIÉ PAR M^r. ***.

*Tantum series juncturaque pollet,
 Tantum de medio sumptis accedit honoris!* HORAT.

TOME ONZIEME.

N = PARI



A NEUFCHASTEL;
 CHEZ SAMUEL FAULCHE & Compagnie, Libraires & Imprimeurs.

M. D C C. L X V.

Figura 15. 1765. "Newtonianisme ou Philosophie Newtonienne." In Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, edited by Jean Le Rond d'Alembert and Denis Diderot. Vol. 11, pp. 122-125. Neufchastel: Chez Samuel Faulche. [Catalog.hathitrust.org](http://catalog.hathitrust.org)

Cronologia

Ano	Evento
1706	Nasce, Gabrielle Émilie le Tonnelier de Breteuil, em 17 de Dezembro, Paris, numa das mais nobres famílias aristocráticas da França.
1725	Casamento com Florent-Claude, Marquês Du Châtelet-Lomont, 12 Junho, na cathedral de Notre Dame. Coronel do regimento real, o Marquês pertence a uma das famílias de linhagem mais antiga da França.
1726	Nascimento da filha , Gabrielle-Pauline
1727	Nascimento do filho, Florent-Louise
1733	Nascimento do filho ,Francois-Victor
1733	A Marquesa Du Châtelet inicia aulas de matemática com Pierre-Louis Moreau de Maupertuis, matemático e membro da <i>Académie Royale de Sciences</i> , <i>Académie Française</i> , e <i>Royal Society</i> . Serão amigos por toda a vida.
1734	Em 1734, Voltaire busca asilo na residência de campo da família Du Châtelet, ao ter que fugir de outro mandado de prisão. Cirey se tornará famoso centro de erudição, atraindo pensadores e cientistas de diversos pontos da Europa.
1734	Seu filho, François-Victor more.
1735	Em 1735, Francesco Algarotti, matemático italiano visita a Marquesa Du Châtelet em Cirey por seis semanas.
1736	Voltaire inicia <i>Elémens de la Philosophie de Neuton</i> com a participação da Marquesa Du Châtelet.
1737	Em 1737, Du Châtelet submete anonimamente um ensaio, <i>Dissertation sur la nature et la propagation du feu</i> , para o concurso da <i>Académie Royale des Sciences</i>
1737	Francesco Algarotti publica, <i>Newtonianismo per le dame</i> , baseado em sua estada em Cirey.
1738	O <i>Elémens de la Philosophie de Neuton</i> , é publicado clandestinamente em Amsterdam, contendo um frontispício mostrando a Marquesa como a intérprete de Newton e direcionando seu conhecimento para Voltaire.
1739	A Marquesa Du Châtelet não vence o prêmio da Academia de Ciências com o ensaio, <i>Dissertation sur la nature et la propagation du feu</i> , mas tem seu trabalho publicado pela Academia e pelo <i>Journal de Trévoux</i> e recebe uma crítica em, <i>Observations sur les écrits modernes</i> , de Desfontaines.
1738	O <i>Journal des sçavans</i> , revista científica de renome, publica o artigo da Marquesa Du Châtelet referente ao trabalho de Voltaire, <i>Elémens de la Philosophie de Neuton</i> .
1739	IPierre Louise Maupertuis vai para Cirey e se torna tutor da Marquesa Du Châtelet em cálculo.
1739	A Marquesa Du Châtelet se muda para Bruxelas para acompanhar o processo jurídico envolvendo uma disputa em nome do marido. O matemático, Samuel König se torna seu tutor em matemática avançada.

Ano Evento

- 1740** A Marquesa Du Châtelet publica anonimamente o *Institutions de Physique* em Paris.
- 1741** Em 1741, Jean-Jacques Dortous de Mairan, secretário da *Académie Royale des Sciences*, inicia uma controvérsia referente ao *Institutions de Physique* que acaba consolidando a reputação da Marquesa como filósofa.
- 1742** A Marquesa Du Châtelet publica a segunda edição do *Institutions*; Desta vez assume a autoria da obra e inclui a disputa ocorrida com Mairan, além de um porta retrato seu no frontispício.
- 1743** O *Institutions de Physique* é traduzido para o alemão e publicado em Halle e Leipzig.
- 1743** O *Institutions de Physique* é traduzido para o Italian e publicado em Veneza.
- 1745** A Marquesa Du Châtelet é incluída no 4º volume do *Bilder-Sal Hautiges Tages Lebender und durch Gelahrheit Beruhmter Schrifft-Steller* (Portrait Gallery of Contemporary Authors Famous for their Learning). Ela foi uma das quatro mulheres, em mais de cem acadêmicos, a serem creditados entre os mais capacitados da Europa.
- 1746** A Marquesa Du Châtelet é eleita membro da Academia de Ciências de Bolonha na Itália. Laura Bassi, primeira mulher física italiana, a se tornar membro e docente da Iniversidade de Bolonha, usa o *Institutions de Physique* em suas aulas.
- 1749** Em 1749, a Marquesa more em Lunéville, como consequencia de embolia pulmonary decorrente de uma gravidez. A filha, Stanislas-Adélaïde, morre uma semana depois. Seu túmulo se encontra em Lunéville, na igreja Saint Jacques.
- 1751** Diderot e D'Alembert, editores da *Encyclopédie*, dão crédito ao nome da Marquesa na entrada de Newtonianismo.
- 1756** Em 1756, uma edição incompleta da tradução do *Principia* é publicada. Em 1759, Alexis-Claude Clairaut, matemático e amigo da Marquesa, consegue autorização dos editores para que a obra *Principia* seja publicada oficialmente. Sua tradução, ainda hoje, permanece a única tradução completa na língua francesa da principal obra de Newton.
- 1778** Em 1778, Voltaire morre em Paris. Ele sobreviveu à Marquesa vinte e nove anos. Seus manuscritos estavam entre os volumes vendidos para Catarina a Grande, na Rússia. Hoje fazem parte da coleção de Voltaire na Biblioteca Nacional da Rússia em São Petersburgo.
- 1779** A obra, *Discours sur le Bonheur* (Ensaio Sobre a Felicidade), é publicada postumamente.

Fonte: Project Vox, <http://projectvox.library.duke.edu/du-chatelet-1706-1749/> ;

Último Acesso em: 15/06/2018

Bibliografia

- BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie, A Ambição Feminina no Século XVIII*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.
- BESTERMAN, Theodore. *Les Lettres de la Marquise Du Châtelet*. 2 Vols. Geneva: Institut et Musée Voltaire, 1958.
- BODANIS, David. *Mentes Apaixonadas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.
- BURKE, Peter. *A República das Letras Europeias, 1500-2000*. Estudos Avançados Vol.25, No.72, São Paulo, Maio/Agosto, 2011. Link: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200021. Último acesso em: 10/09/2017.
- _____. *Uma História Social do Conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: UNICAMP, 1997.
- CHATELET, Gabrielle-Emilie du. *Institutions de Physique*. Paris: Prault Fils, 1740.
- _____. *Discurso Sobre a Felicidade*; Prefácio de Elisabeth Badinter. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *Dissertation Sur la Nature et Propagation du Feu*. Paris: Prault Fils, 1744.
- _____. *Principes Mathematicques de la Philosophie Naturelle, par feu Mme la marquise Du Chastellet*. Paris: Deisant et Saillant, 1759.
- _____. *Selected Philosophical And Scientific Writings*. (Judith Zinsser Org.). Chicago: The University of Chicago Press, 2009.
- COHEN, I.B. *The French Translation of Isaac Newton's Philosophiae Naturalis Principia Mathematica (1756, 1759, 1966)*. Archives internationales d'histoire des sciences 21 (1968):
- DETLEFSEN, Karen. 2014. *Émilie Du Châtelet*. In Stanford Encyclopedia of Philosophy. 2014.
- EHRMAN, Esther. *Mme Du Châtelet: Scientist, Philosopher and Feminist of the Enlightenment*. Leamington Spa: Berg, 1986.
- FALCON, F. J. C. *Iluminismo*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002.

- FÉNELON. *De L'education des Filles*, 1687. Reed: Delalain, 1878.
- FLAMARION, Ciro C.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História, ensaios de teoria e metodologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *What is Enlightenment?* (trans. Catherine Porter), in: *The Foulcault Reader*, ed: Paul Rainbow, New York: 1984.
- GARDINER, Linda. Women in Science. In: *French Women and the Age of Enlightenment*, edited by S. Spencer. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1984.
- GAY, Peter - *The Enlightenment*, The Norton Library, New York, 1966, 2 vols.
- _____. *The Enlightenment, An Interpretation: The Rise of Modern Paganism*, Vol.1 (1966). New York: Norton Library, 1977.
- _____. *The Enlightenment, An Interpretation: The Science of Freedom*. Vol.2. (1969) New York: Norton Library, 1977.
- _____. *The Party of Humanity, Essays in the French Enlightenment* (1964). New York: Norton Library, 1971.
- GIBBON, Edward. *Declínio e Queda do Império Romano (1776)*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2012.
- GOODMAN, Dena. 1994. *The Republic of Letters: a cultural history of the French enlightenment*. Ithaca: Cornell University Press. (P.Introdução)
- _____. *Becoming a Woman in the Age of Letters*. NY: Cornell University Press, 2009.
- _____. *Going Public: Women and Publishing in Early Modern France*. Edited with Elizabeth C. Goldsmith. NY: Cornell University Press, 1995.
- GORBATOV, I. *From Paris to St. Petersburg: Voltaire's Library in Russia. Libraries & the Cultural Record* 42: 308-324, 2007.
- GRANT, François De. *Cirey Dans la Vie Intellectual: La Réception de Newton en France*. Oxford: Voltaire Foundation, 2001.
- HAGENGROBER, Ruth. *Émilie Du Châtelet: Between Leibniz and Newton*. Dordrecht: Springer, 2012.
- HAMMEL, Frank. *An Eighteenth Century Marquise - A Study of Émilie Du Châtelet and Her Times*, (1911). NY: Cornell University Press, 2016.
- HANKINS, Thomas,L. *Jean D'Alembert, Science and the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. *Da História*, 1997. São Paulo: Companhia de Bolso, 2015.

- HOF, Ulrich Im. *A Europa no Século das Luzes*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- KANT, I. *Textos Seletos*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- LILTI, Antoine. The Kindom of Politesse: Salons and the Republic of Letters in Eighteenth Century Paris. In: *Republics of Letters, A Journal for the study of knowledge, politics and the arts*. Vol.1, Issue 1. Stanford University, 2014. http://arcade.stanford.edu/rofl/kingdom-politesse-salons-and-republic-letters-eighteenth-century-paris#_ftn36. Último aceso em: 10/10/2017.
- MAUREL, A. *La Marquise Du Châtelet, amie de Voltaire*. Paris: Hachette, 1930. P.157
- MIERT, Dirk van. *What Was the Republic of Letters? A brief introduction to a long history (1417-2008)*. Países Baixos: University of Groningen Press, 2017.
- MOLIÈRE, Chrysale de. *Les Femmes Savantes*, 1672 (ato.II, cena VII).
- MUSSIELAK, Dora E. *The Marquise du Châtelet: a controversial woman in Science*. University of Texas at Arlington, 2014.
- PERROT, Michelle. *A History Of Women, Renaissance and Enlightenment Paradoxes*. Ed. Georges Duby. Harvard University Press, (1ª Ed. 1993), 2000.
- PIERETTI, Marie-Pascale. *Women Writers and Translation in Eighteenth Century France*. The French Review, Vol.75, No. 3, Printed in USA, February 2002. Link: <http://www.jstor.org/stable/3132846>
- POMEAU, René (1917-2000). *La Religion de Voltaire*. Paris: Nize, 1974.
- PORTER, Roy. *The Enlightenment: Studies in European History*. 2ed. New York: Palgrave, 2001.
- POTOCNIK, Janez (Org.). *Madame du Châtelet Illuminator of the Enlightenment*. In: *Women In Science*. Belgium European Communities, 2009.
- O'NEILL, Eileen, and Marcy Lascano, ed. Forthcoming. *Feminist History of Philosophy: The Recovery and Evaluation of Women's Philosophical Thought*. Dordrecht: Springer.
- OUTRAM, Dorinda. *The Enlightenment*, Cambridge University Press, 3rd edition, 2013.
- RENDALL, Jane. Women and the Enlightenment in Britain, 1690-1800. In: *Women and Gender History: Women's History -Britain, 1700-1850*. BARKER, Hannah. CHALUS, Elaine. (eds.). London: Routledge, 2005
- RONAN, Colin. *História Ilustrada da Ciência: da Renascença à Revolução Científica*. Vol.III. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Tradução Iracema Gomes Soares; Maria Cristina Roveri Nagle. Brasília: Ed. UnB, 1985.
- _____. Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 4a edição, 2014.
- SCOTT, Joan. “História das Mulheres”. In: BURKE, Peter. (org). *A escrita da história novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SOIHET, Rachel. “História das Mulheres”. In: FLAMARION,C. e VAINFAS, R. (Orgs). *Domínios da História, ensaios de teoria e metodologia*. Cap. 12. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.
- SPENCER, Samia I. *Women and the Encyclopedie*. In: *French Women and the Age of Enlightenment*. Indiana: Indiana University Press, 1984.
- TAYLOR, Barbara; KNOTT, Sarah (Orgs). *Women, Gender and Enlightenment*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- TERRAL, Mary. *Émilie Du Châtelet and the Gendering of Science*. History of Science 33.
- TOMASELLI, Sylvana. *The Enlightenment Debate on Women*. History Workshop Journal, Volume 20, Issue 1, 1 October 1985, Pages 101–124. <https://academic.oup.com/hwj/issue/20/1>. Último acesso em: 10/10/2017.
- VAILLOT, R. *Madame du Châtelet*. Paris: Albin Michel, 1978.
- VENTURI, Franco. *Utopia e Reforma no Iluminismo*. Tradução Modesto Florenzano. São Paulo: EDUSC, 2003.
- VILA, Anne C. *Ambiguous Beings’: Marginality, Melancholy, and the Femme Savante*. In: Knott S., Taylor B. (eds) *Women, Gender and Enlightenment*. Palgrave Macmillan, London, 2005.
- VOLTAIRE. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *Cartas Filosóficas*. Tradução de Marilena Chauí Berlinck. São Paulo: Abril Cultural, 1973a. (Os Pensadores 23)
- _____. *Dicionário Filosófico*. Tradução de Marilena Chauí Berlinck. São Paulo: Abril Cultural, 1973 ou 1978. (Os Pensadores 23)
- _____. *Elementos da Filosofia de Newton*. Tradução de Maria das Graças Nascimento. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

-_____. *Éloge Historique de la Marquise du Châtelet*. Oeuvre Complètes de Voltaire. Paris: Garnier, 1752. Tome 23, P. 515-522

-_____. *Mémoire sur un Ouvrage de Physique de Madame la Marquise du Châtelet, Lequel a Concouru pour le Prix de l'Académie des Sciences en 1738*. Oeuvres de Voltaire, ed. Beuchot M. (Paris, 1830), xxxviii, 353–60, p. 353.
https://fr.wikisource.org/wiki/M%C3%A9moire_sur_un_ouvrage_de_physique/%C3%89dition_Garnier. Último acceso em: 10/10/2017.

-WADE, Ira O, Ed. Preface of Mme Du Châtelet's Translation of the Fable of the Bees. In: *Studies on Voltaire, with some Unpublished Papers of Mme Du Châtelet*. Princeton: Princeton UP, 1947.

-_____. Examen de la Genèse. In: *Studies on Voltaire with Some Unpublished Papers of Madame Du Châtelet*. Princeton: Princeton University Press, 1947.

-_____. *Voltaire and Madame Du Châtelet: an Essay on the Intellectual Activity at Cirey*. Princeton University Press, 1941.

- WHITFIELD, Agnes. *Emilie du Châtelet, traductrice de Newton, ou la traduction confirmation*. Portraits de Traductrices. J. Delsile (red.). Arras: Artois Presses Université, 2002. P.87-115.

-ZINSSER, Judith and Julie Chandler Hayes. *Émilie du Châtelet: Rewriting Enlightenment Philosophy and Science*. Oxford: Voltaire Foundation, 2006.

-_____. *Émilie Du Châtelet, Daring Genius of the Enlightenment*. New York: Penguin Books, 2006.

-_____, Judith. *La Dame d'Esprit: A Biography of the Marquise Du Châtelet*. New York: Viking, 2006.

-_____. *Mentors, The Marquise Du Chatelet and Historical Memory: Notes and Records of The Royal Society of London*. Vol.61, No.2, May, 22, 2007. P.89-108.
<http://www.jstor.org/stable/20462616>. Último acceso em: 01/10/2017.